

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VII—N.º 2199

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TERÇA FEIRA, 2 FEVEREIRO DE 1926

1891-1912

Foi antontem um dia bastante evocador... Declarado como feriado pela república comemora oficialmente os precursores do regime, vencidos em 1891, na revolução do Porto. Essa revolução mereceu de passagem, algumas, ainda que ligeiras, referências. Os republicanos aproveitaram o estado de espírito provocado por uma insurreição que a Inglaterra fez nas colónias para derubar a monarquia. Houve a inevitável série de traições, e, a concorrer para o fracasso, houve também o comodismo, o receio, a covardia, a inveja e o despeito de muitos republicanos dessa época. Alguns dos revoltosos morreram na miséria e no olvido, pois os luminários da democracia mais endinheirados foram para com eles ignóbilmente ingratos e sordidamente avarentos; outros ainda vivem, alguns dos quais, sem embaraços de pecunia, à sombra protectora do orçamento do Estado.

Esse punhado de homens que em 1891 se bateu pela implantação do actual regime estava, é claro, bem longe de suspeitar o reacção e a imoralidade notória da república. Sonhavam esses combatentes, ingenuos e líricos, sinceros e convictos, com uma democracia que assegurasse uma justiça igual para todos e uma liberdade que não fosse restringida a meia dúzia de energúmenos. Se eles pudessem ressuscitar, depois de examinarem detidamente o que se passa, não se limitariam à vaga afirmação, própria de românticos desiludidos:

—Não era a república que sonhávamos.

Iriam mais longe: fariam um depoimento esmagador para esta corja de políticos rapinantes que fez da república uma máquina de oprimir e deportar operários e uma capa para ocultar centenas de ladrões e milhares de ladrocinhas.

Por uma destas espantosas ironias em que o destino se compraz, fez, no mesmíssimo dia da comemoração da republicana revolução de 31 de Janeiro, quatorze anos que se declarou em Lisboa uma greve geral declarada como protesto pelas atrocidades praticadas pelo actual regime contra os rurais de Évora.

Dois anos depois da implantação do actual regime, a república encontrava pela sua frente milhares de operários, não reclamando aumento de salário, mas protestando contra abusos ignóbeis do poder, perpetrados iniquamente contra esses abnegados rurais a quem se lhes negava frequentemente o pão, o pão feito com o trigo que eles próprios ceifavam. Nesse tempo o sindicalismo ainda não estava, como hoje, diuindido entre as massas operárias. Esse facto ainda avoluma a importância desse formidável movimento de solidariedade, porque demonstra que o amor pela justiça e a revolta contra as violências do poder são dois sentimentos latentes nas classes trabalhadoras.

O governo de então, em nome duma democracia novinha em folha, prestigiosa e reluzente, veio ao encontro do protesto do operariado, mas para o sufocar, escolhendo para isso os meios mais brutais e violentos. A Casa Sindical foi literalmente cercada pela soldadesca ludibriada e contra esse edifício onde havia gente desarmada, onde também havia mulheres, foram apontadas, cobardissimamente, peças de artilharia. Pelas ruas da cidade, bandos compostos de sevandijas, vergonhosamente cadastrados, com um furor e uma intolerância e uma crueldade que recordavam os odiosos bandos miguelistas, agrediam, com o apoio da força pública, operários isolados a cavalo-marinho. Foi esta a satisfação que uma democracia de dois anos deu ao povo que, ingenuo e confiante, a tinha implantado.

Essa satisfação paraser mais significativa foi acompanhada de perseguições odiosas, ficando as pessoas e os barcos que se encontravam no Tejo repletos de operários que os jornais governamentais, entre os quais o "saúdos" Mundo do "saúdos" França Borges, caluniosamente acusavam de estar vendidos ao oiro monárquico!

Uma vaga de calor

SYDNEY, 1.—Sobre toda a Nova Gales do Sul, está passando uma pavorosa vaga de calor, que provoca numerosos incêndios de casas e de florestas. A capital federal, Camberra, está cercada por uma muralha de fogo. Em Vitória, os prejuízos são importantíssimos.

O homensinho de Aveiro prefere a imoralidade do "Século" à isenção de "A Batalha"

Há um homem que cultiva em Portugal com relativa facilidade o palavão insultuoso. E', como toda a gente sabe, o sr. Homem Cristo, que possui um jornal com pretensões a panfleto intitulado *O de Aveiro*. Ora, como ele alinha aquelas palavras retumbantes e obscenas, logo neste país onde se passam títulos de mérito a tudo e a todos começaram a chamar-lhe polemista. O sr. Homem Cristo não faz polémica, faz zangarata—aquela zangarata das ovarinas ali na Ribeira Nova. Não discute—berra. Não argumenta—insulta. Mas como quasi toda a gente que lhe insulta possui telhados de vidro, quasi toda a gente engole os seus insultos e não riposta.

O sr. Homem Cristo tomou-nos por um "Chômba", por um Cunha Leal ou António Maria—fungou e cuspiu. Chamou-nos scários, pensando talvez que nós éramos os scários da política que ele molestava quando lhe apetece. Chamou-nos bestas também, julgando que nós lhe responderíamos no mesmo tom. Ainda não houve ninguém que desse aquele sujeito pretencioso e mal-humorado uma lição de civildade. O homem como está habituado a lidar com bestas, imagina que há de descarregar sobre nós coices de estérilidade.

Temos de demonstrar ao sr. Cristo que hoje já não se usam esses processos brutais e primitivos de combate. As palavras valem muito quando correspondem a ideias ou afirmações concretas. Por isso o seu arrazoado violento teve o efeito do estorir ruidoso de polvora seca. Não nos atingiu. O pseudo-polemista chamou-nos bestas—e ficou-se por ali. Mais valeria que nos demonstrasse claramente, com menos adjectivos bombásticos e mais razões concludentes, porque motivo as intenções de *A Batalha* são mais suas do que as do *Século*. Se provasse que as nossas intenções são mais suas do que as do *Século* conseguiria melhor os seus objectivos insultuosos do que chamando-nos scários e bestas. Deixe-se de retórica, sr. Homem Cristo. Isso para nós não pega, não nos intimida. O seu palavreado vistoso pode lerir todos os políticos, todos os Cunhas Leais e quejandos que estão comendo nos Bancos ou à mesa do orçamento. Esses estão a comer e sentem-se quando lhes mexem na barriga. Nós não estamos a devorar o sangue do povo nem tal pretendemos. Pode chamar-nos bestas e scários—o que não admittimos é que ponha em confronto as nossas intenções com as do *Século*.

Gostáramos que concretisasse a sua insinuação. Serão suas as nossas intenções por não defendermos o Banco de Portugal, com os desfalques, violações de escritas, emissões clandestinas de notas e inocências que inventam águas medicinais? Serão suas as intenções da *Batalha* por pôr a descoberto as negociações infames que a campanha do *Século* acobertava? Seremos scários por desmascarmos as ambições do Alfredo da Silva? Seremos bestas por revelarmos o plano italiano de absorção de Angola? Serão suas as nossas intenções por termos provado que a campanha patriótica do *Século* ocultava a intenção repugnante de negociar o país a retalho?

Prefere o sr. Homem Cristo a campanha de moralidade do órgão das "forças vivas", isto é, prefere Angola negociada com populações e tudo, como carneiros, por Pereira da Rosa e alguns políticos metidos no negócio, prefere o Alfredo da Silva com os seus assaltos à bolsa da nação, prefere os cúmplices do Alves Reis e do Bandeira—que se ocultam agora atrás das campanhas da imprensa venal—governando e negociando a nossa pele. Prefere afinal todas as intenções sordidas da política e da finança, que aliadas ou não ao Angola e Metrópole, roubam, exploram, especulam sem nada de útil produzirem neste desgraçado país onde tudo está por fazer.

Está bem. Achamos linda a atitude do sr. Homem Cristo. Descanse: não precisamos de chamar-lhe besta ou scário para exprimir a nossa indignação. Limitamo-nos a considerá-lo a criatura mais culta e inteligente que temos conhecido. Ah! esquecimo-nos de mencionar uma das mais salientes facetas espirituais do jornalista de Aveiro: é um grande polemista... E' mesmo um grande... Homem.

As paradoxais investigações

Embora sob a ameaça de mais alguns insultos inofensivos do grande planfletário continuemos a racionar sobre este inextinguível caso do Angola e Metrópole. Como se sabe, Alves dos Reis fez várias declarações comprometedoras que atingiam principalmente Inocêncio Camacho, sobre quem de resto recaem já as mais esmagadoras suspeitas. Mas no Inocêncio Camacho não se tocou... nem com uma flor. Ficou intacto, a despeito das suas atitudes dúbias. Ficou em liberdade, embora tivesse ordenado com mal disfarçada intenção a recolha das chamadas notas falsas. Ficou à solta, a pesar de ter um passado pouco limpo.

Agora, afirma a imprensa, Marang fez declarações comprometedoras para António Bandeira—e a polícia foi logo a correr—prende-o. Mas que diabo de critério será esse? Então o que para uns é motivo de prisão e incommunicabilidade para outros é razão de elogios e de campanhas líricas colocando-os acima "de toda a suspeita"?

Pelas mesmas razões vem sob prisão a caminho de Lisboa o sr. Norton de Matos. Não temos por este homem a menor simpatia. Sabemos apenas que ele é um inimigo temível do Banco Ultramarino. E como a vontade do Ultramarino é soberana—compreendemos a ordem de prisão contra o embaixador de Portugal na Grã Bretanha. Agora governam os ladrões do Ultramarino. Vão parar à cadeia todos os seus inimigos. Nuno Simões, os homens do Angola e Metrópole, e Norton de Matos. E se amanhã governassem os perseguidos de hoje—al dos que vivem e mamam no Ultramarino! Andam os ladrões a prender-se uns aos outros... O espectáculo é divertido. Pena é o povo ficar, depois de feitas as contas, sempre roubado. O ideal seria ver-se aplicada aos ladrões a celebre história dos grilos: que de tal maneira se comessem uns aos outros—que o país para sempre ficasse livre deles.

Provavelmente o panfleto de Aveiro não concorda com os efeitos radicais da história. Paciência...

A ARTE E OS ARTISTAS

A exposição de aquarelas do pintor Alberto Sousa

Só ontem pudemos visitar a exposição de aquarelas de Alberto Sousa. Fomos tarde—mas fomos a tempo. E' sempre tempo de ver os trabalhos de Alberto Sousa. A característica deste pintor é a probidade. Não é um modernista como nós, jovens ansiosos de renovação, desejáramos que fosse, mas é artista e isso é o principal. E' um grande artista—e essa qualidade impõe-no à consideração dos apaixonados de todas as escolas. Tem a sua maneira, a sua personalidade: mancha larga e firme, intensidade de colorido, desenho impecável. Talvez devido ao seu amor às belezas arquitectónicas que reproduz com fidelidade assombrosa, na sua técnica há algo de arquitectura. Sem equilíbrio a obra arquitectónica é impossível—e as pinturas de Alberto Sousa são muito harmoniosas, equilibradas. Conjugam-se numa proporção maravilhosa do desenho sólido, a cor precisa, os valores nítidos. E nós não sabemos onde a pericia do artista maior realce tem—se nos valores, se na cor, se no desenho—nos acabamos por admirar aquele conjunto que nos dá as esplêndidas obras dum esplêndido pintor.

Porém, a valorizar as qualidades do artista está a orientação que ele dá ao seu labor. Alberto Sousa não é um aquarelista que se mova apenas ao sabor dos primeiros caprichos sentimentais. A sua obra é, uma obra de meditação. Desde há alguns anos que ele se propoz fixar na sua melhor obra e máxima intensidade o que por esse Portugal existe de monumentos portugueses que a poeira e a crueldade dos séculos cobrem e desmoronam. Nos seus cartões vivem palpitando obras monumentais como a Sé de Évora, de Vizeu ou a Batalha, pormenores arquitectónicos de beleza discreta que se perdem entre a velha casaria de uma vila ou de uma aldeia. Pintando, Alberto Sousa faz História de Arte portuguesa. Seus trabalhos que, além do valor técnico pictural, possuem um valor pedagógico inestimável, devam ser guardados num museu especial, onde o estudioso encontrasse tudo quanto se refere à arquitectura portuguesa. Uma obra como a de Alberto Sousa não deve ser propriedade dum qualquer que, encafoando-a em casa, a retire da admiração do grande público. Aquela obra é de interesse colectivo e a colectividade deveria pertencer, portanto, a ela.

Para completar o seu trabalho de arqueólogo-pintor Alberto Sousa foi a Marrocos buscar o que de tradição lusitana, aqui arruinado, acolá inteiro e imponente, ainda por lá existe. Descobriu maravilhas em Tanger, Arzila, Larache, Azamor, Mazagão, Casim. Assim como na península hispânica os mouros deixaram nos seus monumentos vestígios inextinguíveis da sua civilização, também no norte de África a passagem dos portugueses deixou sinais inapagáveis. Recolheu Alberto Sousa essas coisas. Por eles se verifica que a influência portuguesa em Marrocos foi mais profunda do que muita gente imagina. Com os belos trechos de monumentos apanhou o pintor costumes, aspectos curiosos da população que merecem grande interesse. A exposição é por todos os títulos interessante. Vendendo-a compreende-se o gesto de certo operário marcenheiro que vivendo apenas do seu trabalho, adquiriu de certo com sacrifício um dos quadros. Nós se poderíamos, imitaríamos o camarada, cujo nome ignoramos, mas que soube com a sua aquisição prestar ao artista melhor homenagem do que esta que tão pobremente aqui deixamos escrita.

Mário DOMINGUES

A travessia aérea do Atlântico

Os aviadores espanhóis chegam a Pernambuco

MADRID, 1.—O ministro da Marinha declarou aos jornalistas ter recebido um cabograma do comandante Franco, dizendo que ao voar sobre Fernando de Noronha, dispunha ainda de 900 litros de gasolina que lhe permitiam continuar até Pernambuco; mas, em consequência da noite estar bastante escura e a lua encoberta pelas nuvens decidiu amarrar em Fernando Noronha. Em consequência do mau estado do mar, os aviadores tiveram que permanecer a bordo do avião durante toda a noite; ao examinarem o aparelho, notaram que a hélice da hélice havia sido avariada pela violência do mar; mas a pesar-disso, sendo relativamente curta a distância a que se encontravam de Pernambuco, os aviadores resolveram continuar o voo assim mesmo. A distância de umas cem milhas de Pernambuco, a hélice da ré avariou-se completamente, sendo o resto do percurso, até à amargura na costa brasileira feito exclusivamente com a hélice da proa. O ministro da Marinha ignora se os aviadores pararam na Baía, precisando que o comandante Franco gosa de completa autonomia, como é natural num chefe duma expedição de tal envergadura, estando autorizado desde o dia 18 de Janeiro, ao partir, a realizar as etapas conforme julgar mais conveniente.

NO FORTE DE MONSANTO

Um gesto de desespero de um preso que a polícia há tempos bárbaramente espancou

A trágica odisséia dos presos acusados de pertencerem à lendária "Legião Vermelha" temos hoje a juntar mais uma scena de dór, mais uma scena de desespero de que é única responsável a polícia, essa corporação de assassinos que dispõe da vida alheia como se fosse pertença sua.

António Ferreira, aquele operário que a polícia bárbaramente agrediu na esquadra do Rato para lhe arrancar uma confissão, foi com outros companheiros enviado para o Forte de Monsanto, depois de cerca de sete meses aguardar nas esquadras despachado de pronúncia. António Ferreira, como já referimos, ficou sofrendo imediatamente aos bárbaros espancamentos. António Ferreira quasi que perdeu o uso das suas faculdades mentais.

Numa obstinação grande procurava pelo suicídio por termo à sua existência vergonhosa—vergonhosa porque para eximir-se às torturas dos bárbaros agressores tinha feito uma confissão falsa, tinha acusado alguns companheiros dum delito que só existiu como salvação para o paciente nas horas de suplicio, das quais foi proscénio o sórdido calabouço da esquadra do Rato.

Como nunca tivesse tido ensejo para levar por diante os seus propósitos, António Ferreira no passado sábado, quando no Forte de Monsanto regressava do barbeio quando febrilmente, alucinadamente a escadaria que se ergue sobre um reduto que classificam de "redondão".

Os assistentes desta scena tiveram a nítida percepção do que ia suceder. Não podia haver a menor dúvida. António Ferreira não procuraria evadir-se. Era lá possível. Só se fugisse para o céu... transpondo os varões de ferro que vedam a clareira.

António Ferreira não procurava evadir-se; procurava, sim, mas era por termo à existência, por fim a um viver suplicante, a um viver vergonhoso. E foi dentro deste alucinado pensamento que todos os companheiros de prisão viram o António Ferreira despenhar-se da altura de um terceiro andar para o solo.

As consequências seriam mais graves se o corpo de António Ferreira não fosse amparado na queda pelo corpo de Jaurés Américo Viegas, o qual também ficou ferido.

A pesar da flagráncia desta scena, que foi testemunhada por dezenas de pessoas, o "O Século", esse odiado pasquim, informou os seus leitores que houve uma tentativa de evasão dos presos que ia custando a vida a dois deles, como se fosse possível fazer-se uma evasão em tão estranhas circunstâncias.

O que "O Século" não disse é que os presos só no domingo às 12 horas é que foram receber curativo ao hospital por não haver no Forte com que se fizesse os curativos. O que o órgão das "forças vivas" não disse aos seus leitores é que mais de 24 horas António Ferreira esteve com os ossos dos tornozelos deslocados, contorcendo-se afiladamente. Não disse porque não lhe convinha, não disse porque isso não convinha à polícia.

Há ainda a tirar deste triste episódio uma conclusão, uma conclusão vergonhosa para as autoridades citadinas: é que António Ferreira nunca cometera o seu desesperado gesto se não tivesse perdido o uso da razão, se não tivesse sido bárbaramente espancado no moderno suplicio que é a esquadra do Rato!

De grosso calibre

Lê-se estas coisas e pasma-me. Proferidas por um juiz! A propósito da incommunicabilidade dos presos acusados de interferência no caso do Angola e Metrópole, o sr. Alves Ferreira afirma que ela pode prolongar-se infinitamente. E porque? Porque seja humano? Não. Porque seja legal? Não. Porque seja constitucional? Ainda menos. Então porque? Porque os chamados "legionários" estiveram incommunicáveis durante mais de oito meses. Curioso este juiz, hein? Para ele, um crime sanciona outro. Se lhe matassem o pai, acharia justo que o assassinassem a ele. E' assim, deste calibre, o sr. Alves Ferreira, quando obra e quando pensa... Homem Cristo chamou-nos bestas. Que chamará ele a um juiz desta natureza?

Manifestações anti-alemãs em Itália

Uma recomendação fascista

ROMA, 1.—O directório do fascismo convidou formalmente todos os fascistas, estudantes ou não estudantes, a não tomarem a iniciativa de manifestações anti-alemãs, nem a participarem nelas, visto o governo não necessitar de solicitações de qualquer espécie para defender por todos os meios dignos dele, se tal for necessário, os interesses da pátria.

Contra o consulado alemão

GENOVA, 1.—Os estudantes da Universidade organizaram uma manifestação contra o consulado da Alemanha, tentando penetrar no interior do edificio, sendo, porém, repellidos pela tropa e dispersando sem incidente.

O Cunha Leal inimigo dos Bancos está a comer à lauta mesa dos Bancos

A *Seara Nova* publicou no seu último numero um artigo da autoria do sr. Raul Proença que define bem a moralidade das acrobáticas atitudes do sr. Cunha Leal:

Segundo dizem os jornais, o sr. Cunha Leal, ao contrário do que pensavam certas pessoas para quem os méritos do fogoso parlamentar não são ainda (a pesar do caso edificante do *Século*) apreciados com toda a justiça, o sr. Cunha Leal aceitou o lugar de vice-governador do Banco Nacional Ultramarino para que fôr nomeado, à sombra dum decreto que indignadamente combateu e que o partido nacionalista considerou nas suas moções parlamentares como um dos actos mais desprestigiados da República.

E' tempo, pois, agora que o facto é consumado, e que o sr. Cunha Leal meteu no bolso integralmente (ao que nos têm afirmado) a primeira maquia, de avivar a lembrança das desmemoriadas gentes, fazendo-lhes ler um pedacinho soberbo de aquela eloquência tão fulminante que s. ex.ª costuma empregar nas suas exasperadas invectivas—numa câmara em que o próprio João Brandão, se viesse ao mundo, encontraria maneira de instalar o seu púlpito de moralista.

No seu discurso, protestou em primeiro lugar o sr. Cunha Leal contra as violências do decreto. «O sr. ministro das Finanças—dizia ele ao sr. Pestana Júnior, que mal sabia então que estava cortando a posta que havia de ser digerida pelo seu temeroso adversário—, o sr. ministro das Finanças—repeta colérico, vozeando as frases, cerrando os pulsos, como um Catão da Guardunha, e pondo nas suas palavras um grande cunho de sinceridade, como sol dizer-se nos relatos parlamentares—impondo dois administradores a cada um dos Bancos emissores, faz isto por um acto de sua livre vontade, e repito, para provocar barulho, porque sabia que nós havíamos de protestar». Não reparou na gramática, no estilo, na elevação das ideias: é essa a condição de continuarmos a aceitar que o sr. Cunha Leal é um grandíssimo orador, e não é patriótico desfalcar nem do próprio Catão da Guardunha a galeria das nossas glórias nacionais. «Então—continuava s. ex.ª, cada vez mais fôrvo e inflamado—esperou o nosso protesto e o nosso ruído, porventura para especulações políticas e para pôr à prova o seu radicalismo, o qual só representa, neste momento, um assalto ao direito de propriedade... Sr. presidente: creio que o sr. ministro das Finanças, criando os lugares de vice-governadores como os criou, não encontrará, para honra dos homens da República, nenhum suficientemente honesto que possa aceitar tais lugares. Eu compreendo até certo ponto, sr. presidente, que um ministro, adepto do critério de defesa das instituições republicanas, como accionista, possa concorrer às eleições dos corpos gerentes desses Bancos, como aconteceu no Banco de Portugal, onde conquistámos alguns lugares; porém, o que não compreendo, nem posso compreender, é o assalto à mão armada, pois que fiscalizar é uma coisa e administrar é outra. Que significa tudo isto, sr. presidente? Significa que o sr. ministro das Finanças resolveu meter dois intrusos dentro do Banco Nacional Ultramarino, dois indivíduos cuja cara eu gostaria de ver no momento de entrarem na casa dos outros. Se alguém quiser entrar em minha casa contra o direito e contra a minha vontade, eu defender-me hei a tiro. O caso é paralelo, visto que o Estado não pode proceder de harmonia com o que se acha estabelecido neste decreto senão cometendo um acto de violência... Como é bom que a responsabilidade de cada um fique claramente definida, devo declarar que a República não pode nem deve administrar aquilo que é dos outros, e que deve ser repellido à face dos contratos. Eu dou este conselho às assembleias gerais e direcções dos Bancos: não aceitem os vice-governadores que lhes forem impostos».

O sr. Cunha Leal, não contente com isto, afirmava ainda a inconstitucionalidade do decreto e a imoralidade dum acto governativo que parecia querer favorecer "políticos categorizados, dando-se assim a publicação a impressão de que se fez qualquer coisa, não para servir os interesses nacionais por uma melhor fiscalização dessas instituições bancárias, mas para servir os interesses e a cobiça de quaisquer pessoas que porventura têm ingerência dentro da política».

Finalmente, como corolário lógico de tão veementes apóstrofes (que s. ex.ª emita com uma sinceridade sempre perturbante e avassaladora), o fogoso leader nacionalista concluiu pela absoluta certeza de que não há homem digno de respeito dentro da República que queira conquistar lugares entrando por uma porta que não é a principal, servindo-se, para entrar, de um subterfúgio da lei, de uma imposição ou de uma violência... A oposição nacionalista fará disso um ponto de honra para o regime...». Uma moção dessa minoria, apresentada na sessão de 19 de Janeiro de 1925, concretizava nitidamente a desinteressada e desasombrosa atitude do partido em face do decreto, que pretendia "impor sem lei e contra lei, a certos bancos, a obrigação de aceitar e remunerar directores nomeados pelo governo, pretensão que, dizia a moção ainda, "o próprio prestigio da República deve impedir que se efective».

Como se explica então que o sr. Cunha Leal aceita agora (e segundo alguns, depois do seu próprio pedido!) um lugar que ainda o ano passado da mesma era de Cristo só poderia ser desempenhado por pessoas sem sufficiente honestidade e sem o respeito de si próprias? Como foi que a minoria nacionalista se esqueceu tão depressa do prestigio da República?

Passou um ano, ou uma eternidade? E nesta eternidade que cataclismos se deram, que transformações catastróficas, que dilúvios, que conversões miraculosas da consciência, que novas formas de vida, para explicar semelhante mudança de atitudes? Já outros astros brilharam no zodíaco? Já será outra a estrela polar? Ah! como é frágil o mundo!

Basta uma simples chuvinha de oiro (a chuva chamada de molha-espertos) para transformar a face do planeta e a própria visão do universo. Estes cataclismos não os explica a geologia, mas explicam-os a *Arte de furar*, e certas poesias chocarreas de João de Deus,

O dinheiro é tão bonito, Tem tal chiste o ladrão... Que santifica o decreto Que condenava a moção.

E' esse o "ponto de honra"—In pecunia veritas.

Foram-se no enxuro as grandes frases. «Assalto à propriedade»? Figura de retórica, simplesmente. O sr. Cunha Leal menos honesto, menos digno por aceitar tal lugar? Nada disso: um benemerito da Pátria, um eterno sacrificado. Catão e Catilina, depois de tantas discórdias em todos os compêndios de história romana, abraçaram-se como vivos. Afinal de contas, parodiando o nosso amigo António Sérgio, podemos dizer que Catão é Catilina e Catilina Catão!

Mas Catão e Catilina, consubstanciados no corpo e alma do sr. Cunha Leal, entenderam que, para efeitos discursivos, era necessário encontrar uma explicação salvadora. E encontraram-na. E' que ele não sabia que os bancos acceitariam de boa mente o decreto!

Eis a *trouvaille*. O sr. Cunha Leal costuma ter estas ignorâncias paradisíacas. Já quando entrou para o *Século* não sabia que era a Moagem que o governava, nem que era lícito fazer-se na casa dos outros o seu próprio descrédito. Afinal de contas o sr. Cunha Leal é um ingenuo, uma pobre criança iludida, a quem dá vontade de fazer festas... depois de tirar os anéis dos dedos.

Infelizmente a explicação do sr. Cunha Leal e dos seus amigos (entre os quais, por uns zum-zums que nos chegaram, teríamos de incluir os outros seus colegas do Banco) prova simplesmente que, perante os actos que ultrapassam certas marcas de desfaçatez concedida aos homens públicos, não há maneira de encontrar um sofisma engenhoso. Toda a gente é estúpida quando não tem razão... e há outros dispostos a saberem tã-la!

Onde é efectivamente que no discurso do sr. Cunha Leal se encontra expressa a exclusão de tal circunstância? E demais essa circunstância é fictícia: os bancos não fizeram senão inclinar-se perante uma decisão do Governo, que, a não ser respeitada, poderia lesar os seus interesses. Vieram à boa paz... mas de Varsóvia. Aceitaram os factos com uma risonha filosofia: eis tudo. Nietzsche poderia dizer que eles tinham o amor fãti.

E tanto assim é que o próprio sr. Cunha Leal afirmou que o Estado não tinha maneira de proceder em harmonia com o decreto senão praticando um acto de violência. Quer dizer: S. ex.ª não poderia ser nomeado, fosse quais fossem as circunstâncias, (de mal contida exasperação ou de risonha filosofia) senão por um acto ilegal e violento!

Mais ainda: não só o discurso do sr. Cunha Leal não exclui tal circunstância, como o seu próprio espírito e as suas expressas afirmações, se a subentendem—é para a combater. A essência dos seus raciocínios (do que poderíamos chamar, em linguagem schopenhauriana, os seus appetites raciocinatórios) reside numa distinção absolutamente clara entre fiscalização e administração: o Estado tem o direito de fiscalizar, mas não o de administrar. E por isso (longe de admitir a convicção ou o agrado dos bancos) formalmente os aconselhava a resistir por todas as formas, incluindo ainda as mais energéticas e homicidas, contra os políticos intrusos. Esse agrado, essa convicção, que hoje apresenta como justificativas do seu procedimento, era exactamente o que ele não podia de forma alguma compreender... quando no horizonte o sol mostrava aos outros o seu rotundo disco de oiro.

Tudo mudou, porém. Já não há violências, não há inconstitucionalidade, não há receios de que o decreto possa apenas servir os appetites de políticos influentes. Como tudo se transforma na paisagem só porque uma pequena mancha dourada poisou agora mesmo sobre a minha consciência!

S. ex.ª entrou—e não houve nem protestos nem tiros. O partido nacionalista fez mictório do prestigio da República, e os banqueiros receberam Catilina, sem lhe perguntarem notícias de Catão.

Disse o sr. Cunha Leal que gostaria de ver a cara dos políticos desonestos ao entrarem na casa dos outros. O sr. Cunha Leal satisfaz o seu desejo. O Banco Nacional Ultramarino há sem dúvida espelhos suficientes para que s. ex.ª se pudesse entregar a um tão interessante e gracioso movimento de curiosidade. Catão pôde ver nesse dia ao espelho a cara de Catilina.

Raúl PROENÇA

ARAÚJO PEREIRA

E' hoje que no Teatro Apolo se realiza, promovida por Alves da Cunha e Berta Bivar, a recita de homenagem a Araújo Pereira, que tem estado a braços com uma pertinaz doença.

A *Batalha* pela muita estima que lhe merece o homenagem associa-se à simpática festa, enviando a Araújo Pereira sinceras saudações e votos pelo seu pronto restabelecimento.

O operariado, que sabe quanto esforço o illustre ensaiador tem, através da sua vida, despendido em prol dum teatro mais educativo e humano que aproveite principalmente às classes laboriosas, não deixará certamente de ir hoje ao Teatro Apolo testemunhar com a sua presença a estima que o artista lhe merece.

ASSINEM Os mistérios do Povo

AG. N. R. de Sintra receosa do apuramento da verdade ameaça toda a gente

SINTRA, 31.—A Guarda Republicana parece que está em país conquistado. Depois da bárbara cena de que nos fizemos eco, a G. R. agora ameaça todas as pessoas que informam a *A Batalha*, todas as pessoas que possam contribuir para que se esclareça o estranho caso de que é autora.

Quando qualquer pessoa aparece com um exemplar do nosso jornal na mão, logo as praças exercem sobre ela uma perseguição que vai até à ameaça.

Emfim, Sintra é hoje uma vila onde a G. N. R. dispõe das nossas vidas, onde a G. N. R. é senhora absoluta.

A imprensa local começa a preocupar-se com o caso. Ainda bem. De há muito que o devia ter feito, de há muito que devia ser esse o seu papel.

«A Semana de Sintra», no seu último número, publica uma entrevista com a vítima, Francisco dos Santos, a qual pouco mais adianta do que *A Batalha* publicou.

A fechar a referida entrevista, aquele semanário publica este pedacinho de ouro: «Com estes processos, leitor amigo, se fôres roubado, perde a esperança de encontrares o perdido e passa ao largo de qualquer tascão em noites de nevoeiro, quando não vais para o quartel da Guarda com uma sova».

Consta que os heróis vão ser processados e que as juntas de freguesia protestaram.

Veremos em que fica isto.—C.

Um comunicado do comando da G. N. R.

Do comando geral da Guarda Nacional Republicana recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

Ao ex.^{mo} director do jornal *A Batalha*:—Para os fins que V. julgar convenientes e para interesse público, se comunica que este Comando Geral, logo que teve conhecimento da notícia publicada sobre os abusos cometidos em Sintra e atribuídos ao pessoal da G. N. R., mandou proceder imediatamente a auto de corpo de delito para oportuno apuramento de responsabilidades.

Em 1-2-1926.—O adjunto do 2.^o C.^o—Rodrigues de Sá, tenente coronel.

Cá ficamos aguardando o apuramento das responsabilidades, advertindo desde já que não contamos que a verdade seja apurada, porque sabemos como são feitas estas coisas em Portugal.

O aniversário de A BATALHA

A comissão promotora das festas comemorativas do VII aniversário do porta-voz da organização operária, prossegue activamente nos trabalhos preparatórios, tudo indicando que o proletariado, com brilhantismo, irá homenagear o único jornal que, por ser exclusivamente seu, tem sido e continuará sendo o pioneiro da defesa dos seus interesses e aspirações.

Teatro Maria Vitória
Dias sessões 1.^a e 3.^a e 10.^a e 12.^a
A RAINHA DAS REVISTAS
O maior êxito até hoje registado
FOOT-BALL
Enchentes sobre enchentes
Preços populares Geral 4\$00

Uma experiência malograda

BADALONA, 1.—Numa fábrica de produtos químicos, quando se procedia à experiência dum novo produto, deu-se uma explosão dum aparelho, tendo-se os gases espalhados por toda a localidade, obrigando os habitantes a evacuarem imediatamente as suas casas, e os teatros, e a calafetarem-se em suas casas. As emanações só depois da meia noite se dissiparam.

Ler a revista gráfica RENOVACAO

Os têxteis indianos organizam-se

Como informámos oportunamente, os operários da indústria têxtil de Bombaim (Índia), travaram uma luta porfada por melhoria económica, tendo obtido completa vitória. Os têxteis saíram desta esforçada experiência praticamente elucidados sobre as vantagens da organização sindical. Procura-se agora reunir-se num sindicato de indústria os 150.000 operários, cuja organização ficaria sendo umas das mais formidáveis.

Ourivesaria e Joalheria

SANTOS CATITA, L.^{da}
R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido de objectos de ouro e prata e relógios das melhores marcas. Compram e pagam ao melhor preço ouro e prata para derreter.

Documentos achados

Foram entregues na nossa redacção uns balancetes mensais referentes ao ano de 1925, junto com outros documentos de escrita, que supomos pertencerem a algum estudante, estando dois deles subscritos por uma firma comercial, e os quais serão entregues a quem provar ser seu possuidor.

Teatro APOLO
ULTIMOS ESPECTÁCULOS
COM O ADMIRÁVEL DRAMA
A TABERNA
onde tem assombroso trabalho o actor-empresário
ALVES DA CUNHA
QUINTA FEIRA, 4
Festa artística da insinuante actriz
MARIA ISABEL
Com o **SALTIMBANCO**

As fases do conflito entre a Rússia e a China

O conflito havido entre os Soviéticos e o general vitorioso Tchang teve a sua génese na concessão do caminho de ferro do Este chinês. A concessão, a pesar de ser uma herança do imperialismo tsarista, tem uma grande importância para os interesses do Estado russo.

Em 1896, a Rússia e a China firmaram um acordo, pelo qual aquele caminho de ferro e a sua zona territorial eram entregues ao governo russo, que exerceria todos os direitos de exploração e soberania, polícia, administração e justiça.

Depois da revolução, em 31 de Março de 1924, os soviéticos e a China fizeram novo acordo, no qual se estabelecia a co-propriedade do caminho de ferro. A administração civil e militar do território e do caminho de ferro eram atribuídas à China. Todavia a exploração comercial e a direcção técnica das linhas férreas ficavam confiadas a um comité misto de cinco russos e cinco chineses, sendo para um chinês a presidência, para um russo o lugar de director geral e para um chinês o de sub-director.

O general Tchang, após a sua vitória e assenhoreamento da Manchúria, propôs aos bolchevistas um novo tratado, que foi logo aceite, e não diferia senão no prazo de 60 anos para a concessão e no direito reconhecido à China de rescindi-la quando lhe conviesse.

Mas a harmonia bem depressa se quebrou. A administração russa exigia o pagamento do transporte de tropas do general Tchang mas este recusou-se, alegando-se senhor da Manchúria por direito de conquista. Os russos retorquiram com o argumento de que eram os senhores, por direito próprio, do caminho de ferro e decidiram, como represália, suspender todo o tráfego.

O general Tchang fez prender o director sr. Ivanoff e os funcionários russos. A Rússia protestou e reclamou a liberdade dos seus cidadãos. Ameaçou Tchang de ocupar militarmente a Manchúria e dispôs-se a fazê-lo. O Japão, que tem interesses militares naquela região (Karbine) desagrudou-se e também concentrou tropas.

Os bolchevistas compreenderam, recordaram-se do tratado de paz e de amizade que haviam feito com os nipónicos, e refrearam a sua birra imperialista. Dirigiram-se ao governo de Pequim, com o qual Tchang, assim como Feng, aliado dos Soviéticos, estava em guerra, e declararam que abandonavam definitivamente a «protecção» do caminho de ferro e exigiam que a «ordem» fosse restabelecida. Assim mostraram os soviéticos que sabiam usar das subtilidades diplomáticas tão comuns em potências capitalistas.

O conflito, emfim, resolveu-se da forma seguinte: os funcionários russos foram libertos e os serviços ferroviários restabeleceram-se imediatamente. Os transportes de tropas continuaram sendo feitos, como até aqui, a crédito sobre o governo de Pequim, que pagaria com a parte de lucros que deveria receber por efeito da exploração.

Cobrança perdida

Previne-se o cobrador Manuel José que se encontra na administração deste jornal a cobrança que lhe foi confiada, a qual um nosso camarada achou no domingo, na Cascalheira, ao Arco de Carvalhão.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Pregão 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de *A Batalha*.

TEATRO GIMNASIO

em que é director o tão aplaudido actor
GIL FERREIRA

HOJE repete-se a hilaritante

TIA ANDREZA

DOMINGO EM MATINEE

9.^o concerto
FÃO

Soma e segue...

Procurou-nos o operário servente de pedreiro José Pinto de Macedo, a pedir-nos que tornemos público o seu protesto contra a forma bárbara como dois polícias da esquadra dos Terramotos, que estavam de serviço na rua Garcia, o agrediram à sabrada, quando a porta dum carroeiro existente naquela rua conversava com um seu amigo.

Afirmou-nos o queixoso não ter dado qualquer motivo a tal violência.

EDEN TEATRO

Amanhã duas sessões
com a «reprise» da festejada fantasia burlesca

De onze mil virgens

Magníficos cenários
Encantadora música
Brilhantíssima encenação

AMANHÃ

duas sessões

com a «reprise» da festejada fantasia burlesca

De onze mil virgens

Magníficos cenários
Encantadora música
Brilhantíssima encenação

AMANHÃ

duas sessões

com a «reprise» da festejada fantasia burlesca

Uma sessão de arte na Universidade Popular Portuguesa

Ficámos agradávelemente impressionados com a sessão de arte que na passada sexta-feira se realizou na Universidade Popular Portuguesa.

O nosso amigo e camarada José Carlos de Sousa abriu a sessão, pronunciando algumas palavras a título de preâmbulo, com as quais acentuou o que deve ser objecto de *film* e de música num instituto de educação como este. Condenou o *film* cómico-chulo, por degradante, e exaltou a vantagem do *film* edificativo da consciência, da moral e do intelecto, sem prejuízo do que o cinematógrafo possa ter de fimamente espiritual e alegre. Aludiu à obra importante que várias sanidades do mundo científico, literário e artístico têm desempenhado de muito boa vontade na U. P. P., em prol da educação. Salientou, com prazer e gratidão, a espontaneidade com que algumas competências na ciência e na arte prestam à obra da Universidade o seu concurso inestimável e que por tal motivo se impõem ao respeito de todos.

A parte artística foi desempenhada pela sr.^a D. Laura Braga, ao piano, e pelos srs. António Sarmiento, violoncelo, e Fernando Gil da Silva, violino, que, em concerto, tocaram magistralmente e com sentimento o seguinte programa:

«Trío n.^o 1.^o Haydn; «La Bohème», selecção, Puccini; «Chant sans paroles», Tschai-kowsky; «La Gioconda, danza del ore», Ponchielli».

O gesto destes artistas é dos mais notáveis como revelador da simpatia que lhes merece a obra desta Universidade, pois que espontaneamente prestaram a sua valiosa colaboração, neste serão, e se dispuseram a realçar algumas sessões futuras com os finos talentos das suas aptidões verdadeiramente artísticas.

Foram veementemente aplaudidos pelo auditorio, que assim manifestou o apreço em que tem este belo terceiro musical.

O apoio à campanha de «A Batalha»

A Associação de Classe dos Operários Confeiteiros, Pasteleiros e Chocolateiros, em reunião da assembleia geral, aprovou uma saludação ao nosso jornal pela sua campanha contra os desmandos da alta financeira.

—Numa sessão de propaganda sindical que se efectuou no Sindicato dos Corteiros de Silves foi aprovada uma saludação à *Batalha* pelos intuitos revolucionários da campanha que ela vem movendo contra a parasitagem financeira.

—Do nosso camarada Santos Júnior recebemos uma carta de saludação à *Batalha* e seu corpo redactorial, pela campanha que vimos mantendo contra os desmandos da alta financeira.

Em defesa da marinha mercante portuguesa

Reiniciu a grande comissão de defesa da Marinha Mercante Nacional que apreciou uma exposição feita pelo comandante sr. Guilherme Vidal, a respeito dos encargos que sobrecarregam a nossa marinha de comércio, resolvendo enviar cópias a todos os armadores do país, para que estes estudem o assunto e lhe introduzam as alterações que julgarem necessárias para o seu complemento. Os membros da comissão estão bastante animados com a boa vontade de que todos demonstram para a boa finalidade da sua missão e esperam que os poderes constituidos do secundário na obra do ressurgimento da marinha mercante portuguesa, que tende a desaparecer asiada por impostos e excessos de toda a espécie.

EXPERIMENTEM

A NOSSA MANTEIGA RECLAME
Quilo 18\$00

28, Praça Luís de Camões, 29—Tel. T. 624
45, Rua do Amparo, 49—Tel. N. 2751
LISBOA

Lá e cá...

BUDAPEST, 1.—O ministro do Interior ordenou a abertura dum processo, pelo burgomestre de Budapest, contra uma associação nacional, da qual um dos directores foi preso em consequência do escândalo das notas falsas.

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21 horas HOJE
RETUMBANTE SUCESSO
2.^a apresentação do misterioso fahir indiano
BLACAMAN

O homem que se diverte com a morte nas mais assustadoras e espantosas experiências

O coração parado—Guilhotinado vivo e a mais maravilhosa demonstração do seu poder sobrenatural

Morte e ressurreição

Depois de estar 70 minutos encerrado num caixão e coberto de terra, o grande fahir tecnia a vida

7 UNICOS ESPECTÁCULOS 7
nos quais toma parte toda a

Nova Companhia de Circo

AMANHÃ—Estreia das
Six Palace Girl

GRANDIOSAS FESTAS DO CARNAVAL
4 hilariantes espectáculos 4
seguidos por
4 deslumbrantes bailes 4
3 encantadoras «matinees» 3
Nobre hoje a assinatura para camarotes

ESPERANTO

Nova Vojo—(Sociedade Esperantista Operária).—O Curso Prático que já há meses não funciona, deve recommençar esta semana a sua actividade. Para esse efeito a Comissão Administrativa pede aos antigos frequentadores e aos alunos que terminaram os seus cursos elementares para que compareçam na sede próxima quarta-feira, às 21 horas. É permitida a assistência a todos os sócios.

Encontra-se já a cobrança a cotização de Janeiro e Fevereiro.

Em Fevereiro deve organizar-se o novo Curso da Primavera, para o qual se tornará em breve públicas as condições de admissão.

Pede-se a competência da Comissão Administrativa na terça-feira, na sede, para resolver assuntos de importância.

ESPERANTO

Nova Vojo—(Sociedade Esperantista Operária).—O Curso Prático que já há meses não funciona, deve recommençar esta semana a sua actividade. Para esse efeito a Comissão Administrativa pede aos antigos frequentadores e aos alunos que terminaram os seus cursos elementares para que compareçam na sede próxima quarta-feira, às 21 horas. É permitida a assistência a todos os sócios.

Encontra-se já a cobrança a cotização de Janeiro e Fevereiro.

Em Fevereiro deve organizar-se o novo Curso da Primavera, para o qual se tornará em breve públicas as condições de admissão.

Pede-se a competência da Comissão Administrativa na terça-feira, na sede, para resolver assuntos de importância.

ESPERANTO

Nova Vojo—(Sociedade Esperantista Operária).—O Curso Prático que já há meses não funciona, deve recommençar esta semana a sua actividade. Para esse efeito a Comissão Administrativa pede aos antigos frequentadores e aos alunos que terminaram os seus cursos elementares para que compareçam na sede próxima quarta-feira, às 21 horas. É permitida a assistência a todos os sócios.

DESPORTOS

FUTEBOL

Praga venceu Lisboa por 4-1

A Associação de Futebol de Lisboa, olhando apenas ao interesse material do encontro, escolheu o campo de Palhavã, para lhe dar maiores receitas, fazendo sujeitar o público e jogadores às suas más condições em relação ao tempo. Os representantes da imprensa e outras entidades foram forçados, por uma ordem sem justificação, a atravessar uma laneira intransitável, em condições pantanosas, antes que pudessem alcançar o lugar que lhes era destinado.

Protestamos contra o facto, ainda que saibamos ser inútilmente que o fazemos. Falharam-lhe as previsões de boa receita porque o público não correspondeu e a selecção «handicapada» com o estado do terreno, absolutamente vantajoso ao seu adversário, fracassou desastrosamente.

Menos ambição e um maior raciocínio, teria evitado a «débacle» de domingo cujas consequências se farão sentir dentro em pouco. O público cansado dos resultados e explorado pelos preços excessivamente caros, começa fugindo aos reclames; o moral das «equipes» diminui e o fracasso será grande se a tempo não se evitarem as causas que lhe dão origem.

Os nossos jogadores dificilmente se adaptam, em tempo de chuva, ao terreno macio e relvado, ao contrário dos grupos visitantes, que por serem assim no geral os seus campos, se encontram satisfatoriamente no seu elemento. O seu pé e a preparação atlética de que dispõem, avantajam-se e muito, sobre os jogadores portugueses, no geral pequenos de estatura e fracos na complexão e no domínio da bola em terreno empapado qual lameiro.

A exibição de domingo demonstrou uma vez este acerto. O grupo representativo de Lisboa quase não existiu em campo. Os techos impuseram o seu jogo, dominando nitidamente e dispondo à vontade do seu adversário. Incluindo na sua linha, que tinha a mais da organização do jogo feito contra o Pórtio, o interior direito do «Rápido», colossal marcador, com uma direcção e violência de pé como há muito se não regista, a selecção de Praga produziu um jogo vistoso, seguro, num entendimento perfeito entre as suas linhas. Deviam ter beneficiado bastante com a inclusão do avançado do «Rápido», pois foi ele o marcador das duas primeiras bolas e da última.

A terceira foi magnificamente apontada pelo extremo direito.

Do grupo representativo de Lisboa, salientamos apenas de bom, o trabalho defensivo de César de Matos, médio esquerdo, que foi sem contestação o melhor jogador em campo. Jorge Vieira, seguiu-se-lhe, interceptando bem, chegando por vezes, na primeira parte, mercê da confiança depositada em César, que lhe facilitou o trabalho, a vir coadjuvar o médio centro Filipe dos Santos. Este foi um elemento nulo em absoluto; verdadeiramente desorientado, consentiu na fácil organização do ataque feito pelo adversário. Em nada coadjuvou a defesa, tampouco serviu o seu ataque. Só estorvou.

Hugo e Pinho fraquíssimos. O primeiro esforçado e trabalhador pouco fez de bom; o segundo fraco em relação aos seus méritos deixou-se bastas vezes bater, originando rápidas fugidas, fazer jogo que resultou: a marcação de duas bolas. A linha de ataque mal servida pelos médios, sem apoio portanto, e muito apegada ao terreno, foi sempre facilmente desarmada pela defesa de Praga. Demorada nos passes, apática e lenta nas decisões, não provocou mais que três ataques sérios às redes de Zemem. E' num destes lances, que por carga violenta a Armando Martins, foi concedida a Lisboa uma grande penalidade, bem transformada por Filipe no ponto de honra.

Cipriano, desatento e pecando muito por falta de colocação, foi um mediocre guardanete. A arbitragem a cargo de Ildio Nogueira severa e atenta. Tão severa, que nos pareceu excessiva a sua resolução, não validando um ponto obtido na marcação dum free, por jogo perigoso praticado por Zemem.

«Caracalinhos» bate copiosamente «Szombathely» por 6-2

Ontem no Campo Grande, perante exígua concorrência, deu-se o primeiro encontro da série, que o conhecido grupo húngaro vem realizar a Lisboa. Teve por adversário o Caracalinhos que numa excelente exibição saiu vencedor.

O popular grupo alcantarense teve na verdade uma tarde muito feliz. Seguro na defesa, combinando em perfeição nas duas linhas da frente, a sua superioridade manifestou-se por um resultado que se ajusta perfeitamente ao jogo feito. Tendo terminado a primeira parte em 2-1 a favor do Caracalinhos, na segunda, restabelecido o empate, os «alcantarenses» foram aumentando o marcador até atingir a casa dos seis lances magníficos de combinação e remate. Era manifesta a desorientação dos húngaros, perante a pressão inesperada do adversário e daí o deixarem-se facilmente bater.

Registou-se uma grossaria imperdoável do guarda-redes húngaro, não punida como merecia pelo juiz de campo. O Szombathely afigurando-se não possuir a mesma classe demonstrada há um ano quando em Lisboa, deveria ter estado numa má tarde e não é grupo para ser batido tão copiosamente como de resto se verá.

A arbitragem do sr. Ivo F. de Sousa com alguns senões, satisfaz.

EM SETUBAL

«Vitória» bate o «Rápido» por 3-1

SETUBAL, 1.—Em desafio desforra encontraram-se hoje novamente nesta cidade o «Rápido» de Praga e o Vitória.

Perante boa assistência e um jogo animado o Vitória saiu vencedor por 3 bolas a 1 com grande entusiasmo do público desportivo.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

SÃO LUIZ

HOJE

A MOÇA

DE

CAMPANILHAS

TEATROS, MÚSICA

E CINEMAS

Teatro Nacional

Hesitei se havia crítica a fazer do espectáculo com que o Nacional iniciou a sua nova temporada, depois que a sociedade artística do mesmo teatro havia terminado ingloriamente. E hesitei porque a qualidade do espectáculo era de molde a assustar o crítico mais correcto e que mais indulgente pretendesse ser para a empresa que o organizou. Somos dos que respeitamos os interesses legítimos de toda a gente, desde que, em matéria de arte, eles não colidam com o bom tom que deve presidir a empresa que não são simplesmente industriais. E, se a nossa censura, neste momento, envolve as pessoas que tomaram conta do Nacional, ela mais se dirige, no entanto, a um Estado que permite tal descrédito e para quem a arte dramática é letra morta. Doe ver artistas da categoria dos que entram na «Mademoiselle Demônio» sujeitarem-se a confundir-se com os «furiosos» de qualquer clube dos bairros excêntricos. Doe ver o teatro escola transformado em sociedade de recreio, a que só faltou um entrecho de prestidigitação e um número de alteres.

Quem menos culpa tem é a empresa arrendatária, embora se lhe devesse exigir um pouco mais de escrúpulo, quem menos responsabilidades tem são os actores e actrizes que se prestaram a quele frete, ainda que deviam ter em melhor conta o seu nome, a quem porém não perdamos e as entidades oficiais superintendentes alheias propositalmente a este desmanchar de feira impróprio dum país que se quer talar do civilizado, cúmplices neste descalabro artístico que é bem um sintoma deste naufrágio de caracteres e de civilização a que vimos assistindo ultimamente.

Para os defensores do sistema de adjudicação do teatro Nacional a fica esse tristíssimo exemplo, que ainda não servirá, porque em Portugal a vergonha e a inteligência dos que mandam são bem reduzidos.

A crítica neste momento só pode proceder assim, para que se não diga mais uma vez que ela serve de capa a interesses inconscientes, como já o disse uma empresa teatral, e que acoberta resignada tentativas desta natureza.

Nogueira de BRITO

Orquestra Portuguesa

Devemos ao maestro Fernandes Fão o conhecimento das composições de alguns modernistas italianos, dos quais Respighi ocupa um dos lugares mais proeminentes. Para nós, depois de Pizetti, Respighi é o músico mais acentuadamente moderno da Itália.

O arrôjo da concepção da sua obra, a curiosidade técnica, a original inspiração, dão-lhe uma situação invejável e colocam-no até entre o melhor que a música contemporânea, na Europa, tem produzido. E' curioso frisar que Respighi manifesta a predilecção interessante de rebuscar motivos antigos, principalmente como movimento coreográfico e trá-lo até hoje enredados no seu gosto requintado de músico atrevido de formas, mas com o «tempero» necessário a fazer valer o filão originário.

A suíte de danças e árias dos séculos XVI e XVII, que em primeira audição tocou no domingo a Orquestra Portuguesa é um modelo de graça, de encanito de sons, de requiebro de notas frescas. São quatro andamentos de grande elegância estético-musical.

Mas não foi só esta suíte que a Orquestra executou; embora já conhecida, interpretou, *La fontane di Roma*, preciosas frases de descritivo musical, dum frescura própria, dum louçania adequada.

Completo a audição da tarde as aberturas do *Anacoreta*, de Cherubini, e dos *Meistres Cantores*, de Wagner.

De novo se apresentava ao público Carolina Peczevik, que tocou com uma cândida linguagem musical e com estilo de enternecida simplicidade o concerto em lá maior de Mozart. Extra-programa tocou uma valsa de Chopin e uma dança de Granados.

N. de B.

Concerto do barítono Armando Baptista

O barítono Armando Baptista fez parte da companhia de opereta do São Luís, sob a direcção de Armando de Vasconcelos. Tendo feito a sua educação no Conservatório, passou a contrair-se e como tal conseguiu um certo público, graças ao agradável timbre da sua voz, um tanto dramática. Tendo feito agora uma *tournee*, depois que abandonou o São Luís, anunciou um concerto no Salão do Conservatório, em que tomariam parte artistas musicais e dramáticos. Inteligentemente para o organizador e para o público, ou porque a noite estivesse tempestuosa, ou porque já é velho em Portugal *fallarem* os que prometem comparecer, Armando Baptista teve de desdobrar-se em recitador de versos, para o que tem certa vocação e reduziu-se aos pianistas Bonel e Maria de Lourdes, à cantora Hermínia Alagrim e ao violinista Lamy Reis.

Todos obtiveram o agrado da assistência que, com grande justiça, suportou o lógo em que Armando Baptista caiu, e que ele próprio salientou em meia dúzia de palavras que pronunciou. Nós que cumprimos sempre o nosso dever é que não faltamos.

N. de B.

Rêclames

Está a terminar a sua curta temporada a nova Companhia de Circo, que no Coliseu dos Recreios tem dado uma brilhantíssima série de espectáculos.

Uma grandiosa e sensacional atracção torna agora mais curiosos esses espectáculos, pois que neles toma parte o grande fahir indiano Blacaman, cuja apresentação tem causado enorme sensação em todo o mundo e que na sua estreia em Lisboa obteve o mais raro e extraordinário sucesso. Blacaman apenas toma parte em sete espectáculos, nos quais entram também todos as grandes atracções da nova Companhia de Circo, entre elas o celebre domador Ivanoff no seu emocionante trabalho com possantes e ferozes leões.

—A linda opereta «A Moça de Campanilhas» que tão grande êxito tem alcançado não dará mais de 10 réditos, visto que estão já sendo organizados soberbos espectáculos e bailes para os 4 dias de carnaval naquelle teatro. Deve portanto quem não tenha visto ainda essa bela peça que queira tornar a vê-la, dar-se pressa em o fazer, visto que dez dias passam depressa e as enchentes têm sido enormes. Embora seja provável, não é certo que depois do Entrudo da noite a «Moça de Campanilhas» repete-se esta noite.

—Está obtendo um grande sucesso no Na-

OS QUE MORREM

José de Almeida Oliveira

Faleceu ontem vítima duma lesão cardíaca o sr. José de Almeida Oliveira, de 50 anos de idade, tipógrafo e ex-chefe do jornal *a República*, pai do sr. José Carlos de Oliveira, empregado do comércio.

O extinto era sócio do seu sindicato profissional e muito estimado por todos os seus colegas.

O seu funeral realiza-se hoje pelas 15 horas, da rua da Barroca, 107, 4.^a, para o cemitério do Alto de São João.

A direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos convida todos os seus associados que o possam fazer a incorporar-se no préstito fúnebre.

Joaquim Vitorino

Com a idade de 88 anos faleceu ontem o sr. Joaquim Vitorino, antigo empregado da Exploração do Pórtio de Lisboa, pai do sr. José Vitorino, tipógrafo do *Diário de Lisboa* e da sr.^a D. Maria Isabel Saravia.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua Jardim dos Tabacos, 23, 4.^a, Esq., para o cemitério do Alto de São João.

MALAS POSTAIS

AGENDA

CALENDÁRIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26		Aparece às 7,44
S.	13	20	27		Desaparece às 17,57
D.	14	21	28		
S.	15	22			1.º dia 14 às 2,1
T.	16	23			2.º dia 14 às 2,1
Q.	17	24			3.º dia 14 às 2,1
Q.	18	25			4.º dia 14 às 2,1

MARES DE HOJE

Fraimamar às 5,37 e às 5,53
Baixamar às 11,07 e às 11,23

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		9500
Madrid, cheque		2577
Paris, cheque		574
Suiza, cheque		3379
Bruxelas, cheque		589
New-York, cheque		19555
Amsterdão, cheque		7586
Itália, cheque		579
Brasil, cheque		2575
Praga, cheque		558,5
Suécia, cheque		5825
Austria, cheque		2576
Berlim, cheque		4567

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional—A's 21,15—Mademoiselle Demónio.
Elmópolis—A's 21,15—Tia Andrezia.
Ripão—A's 21,15—A Taberna.
Trindade—A's 21,15—A Faria de las Herminias.
Pelleum—A's 21,15—Não te melindres, Beatriz.
São Luís—A's 21,15—A Moça de Campaillhas.
Reunida—A's 21,15—O Pão de Ló.
Elen—A's 20,30 e 22,45—Fungô.
Marta Vitória—A's 20,30 e 22,30—Foot-Ball.
Coliseu—A's 21—Grande companhia de circo.
Selo 305—A's 9,15—Pom Pom.
Cinema El Vícente (4 Graças)—Especulacões às 3,30.
Sábados e domingos com ematênes.
Trenô Parque—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli—Olympia—Central—Condes—Chido Ter-
ras—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança
—Tortoise—Cine Paris.

FATOS completos e sobretudo

em bom cheiro com boas for-
tas e bom acabamento, para
homem, desde 129\$00
IMPERMEÁVEL para homem com
cinto e capuz 149\$00

Em oleado, castanho... 245\$00
Duas peças, gordinha e oleado
para vestir dos dois lados, co-
res, preto e bege... 425\$00
Duas peças, para vestir dos dois
lados, castanho e bege, em lã... 380\$00
Em gordinha, preta de lã, padrão
de oficial de marinha... 400\$00
Imitação de camurça e cabedal,
modelo para automóvel... 129\$00
IMPERMEÁVEL para senhoras com
cinto e capuz... 225\$00

Descontos para revenda

Para a província remetemos catá-
logos com amostras a quem pedir
170, Rua da Boa Vista, 172
Rua do Amparo, 36

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.
Pedidos à administração de A Batalha.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Seu sindicato que deseje adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.
Pedidos à administração de A BATALHA.

Almanaque de A Batalha
192 páginas com muitas gravuras, preço \$500.

OS MISTÉRIOS DO POVO

evangélica, na sua primitiva pureza, seja a lei do mundo, e o poder dos opressores de capacete, de mitra ou de coroa deixará de existir. Nem reis, nem padres, nem fidalgos.

Os reformados. — Abaixo o papa! abaixo os cardeais e os bispos! — fóra a idolatria! abaixo o celibato para os pastores evangélicos; abaixo a adoração das imagens, abaixo a confissão! Acabem-se os intermediários entre Deus e o homem! Tal é a nossa confissão, — tal é a nossa fé!

João Calvino. — «Acreditamos e confessamos essas ilusões romanas puras idolatrias; repudiamos-las. Apoiados pela autoridade dos livros sagrados, pelas palavras e actos dos apóstolos; Timóteo, texto 2; João, textos 16, 22, 24; Mateus, textos 6 e 9; Lucas, textos 11, 12 e 25; pela Epístola aos Romanos, texto 14, e outros textos evangélicos.

«Acreditamos e confessamos que onde a palavra de Deus se não acha concebida, não há nenhuma Igreja; e por isso rejeitamos as assembleas do papa, donde a verdade divina é banida, onde os sacramentos são corruptos, adulterados, falsificados, enquanto que as superstições e idolatrias aí florescem e são frutíferas.»

Os reformados. — Sim, separemos-nos da suposta Igreja de Roma; — essa impura Babilónia; essa sentina de todos os vícios, essa grande prostituta; — essa fonte envenenada da qual provêm todos os males da humanidade!... Não queremos nem papas, nem bispos, nem sacerdotes, nem frades.

João Calvino. — «Acreditamos e confessamos que todos os homens são verdadeiros pastores em qualquer sítio que se achem, logo que sejam puros e reconheçam por único soberano o universal bispão Nosso Senhor Jesus Cristo; por esta causa rejeitamos o papado, protestamos que nenhuma Igreja, chame-se ela embora Católica, não pode opor nenhum domínio ou autoridade sobre qualquer outra Igreja.»

Os reformados. — Eis o motivo porque repudiamos a Igreja de Roma! Cristo é nosso papa, nosso bispão! — não deve existir intermediário entre ele e nós!

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 3 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Fele e sífilis—Dr. Correia Pigueiro—11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—3 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—5 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Mano—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roza—3 horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raios X—Dr. Alen Saldanha—4 horas.
Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 3000
Sapatos em verniz... 2600
Botas pretas (grande salto)... 4800
Botas brancas (salto)... 2800
Grande salto de botas pretas... 3800
Botas de couro para homem... 4000

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, 2, 92.

LUESAN

Anti-sifilítico eficaz, cómodo e económico
adoptado por distintos clínicos
N.º VENDA NOS PRINCIPAIS FARMÁCIAS

DEPÓSITOS:

No Porto
Farm. Dr. Moreno—Largo de S. Domingos, 42-44
Em Lisboa
F. Azevedo, Irmão & Veiga—R. do Mundo, 24-42
Farmácia Azevedo, Filhos—Rossio, 31-33
Pestana, Branco & Fernandes L.—Rua dos Sapateiros, 39, 1.º

Companhia Nacional de Navegação

Saídas em fevereiro de 1926

Dia 5, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e Oriental, o paquete

LOURENÇO MARQUES

Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete

AFRICA

Saídas em Março

Dia 1, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e Oriental, o paquete

ANGOLA

Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete

PEDRO GOMES

Aviso importante.—São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou ao costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA—Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.
NO PORTO—Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

CARNAVAL

Não aluguem V. Ex.ª costumes de máscara sem ver o sortimento todo novo do Moderno Guarda-Roupa

LEITÃO
Telefone C. 2888
Rua do Norte, 83, 1.º

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

FERRAGENS E FERRAMENTAS

CUTELARIAS E TALHERES

LOUÇA ESMALTADA

GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS

REDE E PREGARIA

Telefone C. 2890

VIANA, REIS & NUNES, L.ª

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

Auto protector para evitar a infecção

de todas as doenças venereas, Bacteriologia, cancro e todas as doenças sífilíticas, usem:

HALLA 1

temedro alemão duma efficacia garantida usado por todas as pessoas que não queiram apenar estas doenças.

Cada biscoito com as instruções de usar custa em Lisboa, 7400, e com caixinha de aluminio, 8400. Para a provincia mais 1000 de despesa. Envia-se a cobrança, pelo correio.

A venda em Lisboa: VIANEIRA CORREIA, rua da Ópera, 16 e 18—Telefone Norte 4006
A venda no Porto: TRANSMICIN SINDICADO, L.ª, rua da Celedónia, 125.

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para cadeiras,
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, aerras circulares e de fita, etc.

64, R. DO AMPARO, 86—LISBOA—TELEFONO 3930, N.º gramas, FARRAS 13

“HERPETOL”

—) Dá um (—
Alívio instantâneo

SOFRE DE COMIÇÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de “HERPETOL” fará desaparecer rapidamente a comição.

O “HERPETOL” CURA. A atestão tem os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do “HERPETOL” é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. E’ de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MÔDULAS DE INSECTOS, ECZEMAS, HUMIDO E SECO e ACROSTIS DURA.

Não hesite e compre um frasco de “HERPETOL”, o melhor remédio que até hoje apareceu.

A venda nas principais farmácias e nos depósitos, em Lisboa, Rua de França, 252, 2.º.

“A BATALHA” No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Livreria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO		
Abel Botelho—Amanhã.....	16\$00	
Alexandre Herculano		
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	20\$00	
Cartas (2 volumes).....	20\$00	
Adolfo Lima		
Contracto do Trabalho.....	10\$00	
Educação e ensino.....	5\$00	
Aquillino Ribeiro		
Anatole France.....	3\$00	
Estrada de São Tiago.....	10\$00	
Jardim das Tormentas.....	10\$00	
Via Sinuosa.....	10\$00	
As Filhas da Babilónia.....	10\$00	
Augusto de Sousa—Fólias perdidas (Fados).....	10\$00	
Bento Faria—Missa nova (teatro em verso).....	1\$00	
Binet-Sanglé—A loucura de Jesus.....	5\$00	
Charles Darwin—Origem das espécies.....	14\$00	
Campo Lima		
O Estado e a evolução do Direito	12\$00	
O Amor e a Vida.....	5\$00	
Ceia dos Pobres.....	2\$00	
A Revolução em Portugal.....	6\$00	
Buckner—O homem segundo a sciência.....	12\$00	
Duarte Lopes		
Frei Sanguê.....	5\$00	
Eça de Queiroz		
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	
O primo Basílio.....	16\$00	
O Mandarim.....	8\$00	
Os Males (2 vol.).....	28\$00	
A Reliquia.....	15\$00	
A Cidade e as Serras.....	12\$00	
Francisco Mendes.....	9\$00	
Casa Ramires.....	15\$00	
Prosas Bárbaras.....	9\$00	
Ecos de Paris.....	9\$00	
Cartas Familiares.....	9\$00	
Cartas de Inglaterra.....	9\$00	
Minas de Salomão.....	9\$00	
Notas Contemporâneas.....	15\$00	
Ultimas páginas.....	15\$00	
Ernesto Haackel		
História da Criação.....	20\$00	
Origem do Homem.....	5\$00	
Os enigmas do Universo.....	14\$00	
Monismo.....	4\$00	
Religião e evolução.....	4\$00	
Faguet		
Iniciação filosófica.....	5\$00	
Iniciação literária.....	10\$00	
Faria de Vasconcelos		
Problemas escolares.....	5\$00	
Por terras de além mar.....	5\$00	
Ferreira de Castro		
Sangue Negro.....	2\$50	
Sendas de Lirismo e de Amor.....	8\$20	
F. Castro e E. Frias—A Boca da Esfinge.....	8\$00	
Flamarion		
Iniciação astronómica.....	6\$00	
Contos de luar.....	5\$00	
Como acabou o mundo?.....	7\$00	
Os habitantes dos outros mundos.....	4\$00	
Felix de Dantes—As influências astrais.....	10\$00	
Ateísmo.....	6\$00	
Fialho de Almeida		
Lisboa Galante.....	10\$00	
Estâncias de Arte e Saúde.....	9\$00	
Figuras de destaque.....	9\$00	
Actores e Autores.....	9\$00	
Contos.....	9\$00	
A Esquina.....	9\$00	
As Migrações.....	9\$00	
Barbear, Pentear.....	9\$00	
Cidade do Vício.....	9\$00	
Pasquinadas.....	9\$00	
Paiz das Uvas.....	10\$00	
Sabim quantos.....	9\$00	
Vida errante.....	9\$00	
Vida íronica.....	9\$00	
Guerra Junqueiro		
A morte de D. João.....	10\$00	
Musa em férias.....	9\$00	
Os Simples.....	7\$00	
A velhice do Padre Eterno (Educação de luxo).....	14\$00	
Brochada.....	10\$00	
Gorki		
Os Degenerados.....	5\$00	
Os vagabundos.....	5\$00	
Na Prisão.....	2\$50	
Jaime Cortezão—Adão e Eva (teatro).....	5\$00	
Jorge Teixeira—Gatunos de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro).....	2\$50	
Julião Quintinha		
Vinhos do Mar.....	8\$00	
Caivalhada do Sonho.....	8\$00	
Terras de Fogo.....	8\$00	
Maivert—Sciência e Religião.....	10\$00	
Nogueira de Brito		
1—Memórias de Angela Pinto	15\$00	
Plasmanf—Iniciação matemática.....	5\$00	
Oliveira Martins		
Helenismo e a Civilização Cristã.....	15\$00	
História da Civilização ibérica.....	15\$00	
História da República Romana (2 volumes).....	30\$00	
História de Portugal (2 vol.).....	30\$00	
Raças Humanas (2 vol.).....	30\$00	
O Brasil e as Colónias Portuguesas.....	15\$00	
Cartas Peninsulares.....	15\$00	
Sistema dos meios e fleções religiosas.....	15\$00	
Orlando Margal		
Águas claras.....	6\$00	
Imagens de Sômbio.....	1\$00	
Spencer		
Da Educação (broc. 5\$00) encad. Raul Bando	8\$50	
Os pescadores.....	10\$00	
Os Pobres.....	10\$00	
O Teatro.....	8\$00	
Victor Hugo		
França e Belgica.....	20\$00	
O Reno (2 v.).....	12\$00	
Os Miseráveis (2 grossos vol) ilustrados, encadernados.....	40\$00	
Zola		
A Taberna.....	12\$00	
Tereza Raquir.....	6\$00	
Alegria de viver (2 vol.).....	10\$00	
A conquista de Plassans, (2 vol.).....	10\$00	
Fecondidade.....	20\$00	
A fortuna dos Rougens, (2 vol.).....	10\$00	
Uma página de amor.....	9\$00	
Dr. Pascal.....	10\$00	
Zargame—origem da vida.....	7\$00	
PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS		
—Organização Social Sindicalista	3\$00	
Antonelli—A Rússia bolchevista.....	2\$00	
Sr. Albert—O amor livre.....	5\$00	
Dufour—O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes).....	10\$00	
Emilio Bossi—Cristo nunca existiu.....	6\$00	
Geo Williams—Relatório dos delegados dos I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou.....	1\$00	
Gladiator—A questão social do Brasil.....	1\$50	
Gustavo Le Bon		
As primeiras consequências da guerra.....	8\$00	
Ensaios psicológicos da guerra europeia.....	8\$00	
Leis psicológicas da evolução dos povos (enc.).....	6\$00	
Guyau—Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção.....	5\$00	
Educação e Hereditariedade.....	4\$00	
Hamon		
A conferência da paz e a sua obra.....	5\$00	
As lições da guerra mundial.....	8\$00	
O movimento operário da Grã-Bretanha.....	5\$00	
Psicologia do socialista-anarquista.....	5\$00	
A crise do Socialismo.....	3\$50	
Henrique Leão—O Sindicalismo.....	4\$00	
Heliodoro Salgado		
O culto da Imaculada.....	10\$00	
Jean Grave		
A sociedade Futura.....	5\$00	
Anarquia, fins e meios.....	10\$00	
O individuo e a sociedade.....	5\$00	
Joseph J. Ettor—Unionismo industrial.....	3\$50	
Julio Guesse—A lei dos salarios.....	3\$50	
Justus Ebert—Os I. W. W. na teoria e na pratica.....	3\$00	
Kropotkin		
A sociedade Futura.....	5\$00	
Anarquia, sua filosofia e seu ideal.....	1\$50	
A Grande Revolução (2 vol.).....	12\$00	
A moral anarquista.....	3\$50	
Os bastidores da Guerra.....	1\$50	
O Estado e o seu papel histórico.....	1\$50	
Lazare—A Liberdade.....	3\$50	
N. Lénine—Os problemas do poder dos Soviets.....	1\$50	
Landauer—A Social Democracia na Alemanha.....	5\$50	
Manuel Ribeiro—Na linha de fogo.....	3\$00	
Marx—O Capital.....	4\$00	
Melchior Inchofer—Monarquia jesuitica.....	3\$00	
Nietzsche		
Anti-Cristo.....	5\$00	
Genealogia da moral.....	5\$00	
Neno Vasco—Ao Trabalhador Rural—Georgicas.....	3\$50	
Concepção Anarquista do Sindicalismo.....	3\$00	
A greve dos inquilinos.....	1\$00	
Novikov—A emancipação da mulher.....	4\$00	
Patout e Pougnet—Como faremos a revolução.....	4\$00	
Perfeito de Carvalho—Notas e comentários.....	1\$50	
Sebastião Faure—Doze provas da inexistência de Deus.....	1\$50	
Tomás de Fossaea—Sermões da Montanha.....	12\$00	
Tolstoi—Sonata de Kreutzer.....	5\$00	
Toulouse—Como se deve educar o espirito.....	4\$00	

Reforma... Essa Reforma não é uma legítima revolta contra a iniquidade do poder pontifical? e, em caso de necessidade, contra a força temporal que quisesse impor o culto romano aos reformados? Por isso, depois de estabelecer este princípio: deve-se qualquer submeter aos governos, embora eles sejam iníquos? Calvino acrescenta: «Contanto que o império soberano de Deus permaneça totalmente». Não se deve obediência a uma autoridade que ousasse ferir os direitos sagrados do homem e todas as suas consequências!

João Calvino.—Tal é, meus queridos irmãos, a nossa confissão de fé, aprovam-na?

Os reformados.—Sim, sim, aprovamo-la; —praticá-la hemos, sustentando-a, com perigo dos nossos bens, da nossa liberdade, da nossa vida!... Juramo-lo!

João Calvino.—Ei-la pois, a confissão destes herejes, que o clero católico apresenta ao povo ignorante e iludido como monstros manchados de todos os crimes, vomitados pelos infernos, como inimigos encarniçados de Deus e dos homens. Que confessam esses herejes? Confessam os dogmas fundamentais da Igreja cristã revelados pela divindade! Mas esses herejes repelem as invenções, as idolatrias, os abusos, os escândalos da Igreja dos papas! E’ esse o nosso crime, crime irremissível! ataquemos a cobicia, o orgulho e o despotismo dos padres! Aqui, no sítio em que estamos reunidos a fim de confessar o mais sagrado dos direitos: a liberdade de consciência, sete padres comprometeram-se por um juramento terrível, a assegurar a onipotência absoluta de Roma sobre as almas, a fundar o reino do governo teocrático sobre o mundo! Essa nova sociedade chama-se Companhia de Jesus; deve ser e será um instrumento formidável nas mãos dos nossos inimigos! Este facto é um indicio dos perigos de que nos achamos ameaçados. Preparemo-nos para combater essa milícia em toda a parte onde ela se estabelecer. O nosso Credo, a nossa confissão de fé está fixada, a esta confissão será a de todas as igrejas evangélicas de França. Agora, que atitude deve-

mos tomar em frente da obstinada perseguição com que estamos ameaçados?... Deveremos sofrê-la com resignação, ou antes devemos repeller a força pela força? Convido o meu amigo Roberto Etienne a emitir a sua opinião a este respeito.

Mestre Roberto Etienne.—Sou de opinião, que devemos dirigir ao rei Francisco I novos requerimentos, a fim de que ele se digne deixar-nos exercer pacificamente a nossa religião, conformando-nos nós com as leis do reino; se a nossa súplica for recusada, colheremos na força das nossas convicções a coragem para suportar a perseguição até aos últimos limites possíveis... Mas, depois, se resolverá o que for urgente!

João Doubourg, fanqueiro.—Sou da mesma opinião de Roberto Etienne. Resignemo-nos. Um homem de bem deve es



A OBRA DUM ALTO COMISSARIO

A expulsão do professor Solipa Norte e a deportação dos ferroviários de Lourenço Marques foram feitas contra a letra da Carta Orgânica da Província

As sensacionais revelações feitas à *Batalha* pelo distinto professor sr. Joaquim Vaz Solipa Norte sobre a greve ferroviária de Lourenço Marques, vieram abrir uma clareira de luz, que pode aproveitar aqueles que acreditaram nas informações procedentes do alto comissário de Moçambique. Podem aproveitar, porque o sr. Solipa Norte é um funcionário colonial com uma brilhante folha de serviços, como o atesta a copiosa documentação que nos mostrou e que vale por todos os encontros. Podem ainda aproveitar essas revelações, porque o sr. Solipa Norte não comunga nos nossos credos filosóficos e é por esse motivo insuspeitíssimo quando fala da greve de Lourenço Marques ou quando se refere às lutas que interessam particularmente o operariado.

Mas o sr. Solipa Norte, que além de pedagogo é um vigoroso jornalista, cuja prosa scintilante está dispersa pelos jornais de Lourenço Marques, ainda não completou a sua interessante narrativa. Vai fazê-lo hoje, explicando aos leitores de *A Batalha* as razões por que foi expulso de Lourenço Marques e as razões porque toda a província está descontente com a obra do alto comissário. Foi sobre este último aspecto que osuamos a pergunta:

— Há muitos descontentes?
— A província inteira. Mesmo sem falar no conflito ferroviário, a situação era terrível. Na véspera da minha prisão, pelas 15 horas, tinha paralisado a vida da capital de Moçambique. Fechou o comércio, fecharam as oficinas particulares, pararam os eléctricos e automóveis, paralisou a construção civil.

— Por horas?
— Por uma semana, pelo menos, e, algumas classes, por semana e meia. A população estava inteiramente divorciada do governo. As ruas eram percorridas por esquadrões. Nas imediações da residência do Alto Comissário passavam, de guarda, metralhadoras. De vez em quando, espedeada.

— Nas imediações do edifício dos correios, o comissário-adjunto, da polícia, levou uma sova.

— Dos grevistas?
— Não senhor. Os ânimos andavam exaltados. Um funcionário dos correios fora agredido, os correios chegaram a fechar. E não houve outras agressões?

— Houve, junto da passagem de nível de Lhangue houve um descarrilamento.
— Promovido pelos grevistas?
— Eles dizem que não, e ainda ninguém apresentou prova em contrário.

— Foram ver os estragos, várias pessoas. Uma foi Costa Fialho, funcionário antigo e benquisto. Um soldado indígena, à coronhada, deixou-o em bem mau estado.

Na perspectiva de uma reclamação diplomática
— Também dois estrangeiros foram agredidos, no mesmo local, por soldados indígenas. O *Star* de Johannesburg publicou, com o relato dos acontecimentos, as fotografias desses estrangeiros, e diz-se haver uma reclamação diplomática com o pedido de £ 150.000 de indemnização.

— Voltando a V. Ex. — Sob que pretexto o prenderam?
— Sob o pretexto de que se reuniam em minha casa, para tentarmos uma sedição que apanhasse o Alto Comissário, os senhores: Dr. Moreira da Fonseca, ex-Governador Geral e Juiz da Relação; João Horácio Pires, proprietário, industrial, considerado o chefe do P. R. P. em Moçambique e procurador, nas últimas eleições, do ministro das Colónias e do deputado Delfino Costa, presidente da Associação Comercial dos Lojistas, vogal do Conselho Legislativo, etc.; João António de Carvalho, proprietário de 4 dos mais importantes estabelecimentos comerciais de Lourenço Marques, director da Câmara de Comércio, vogal do Conselho do Distrito, etc.

— E esses cavalheiros também foram presos?
— Não senhor. Bem vê, a acusação era falsa como Judas, e só eu é que podia acreditar.

— Compreendemos. **Liberdade de pensamento.**
— **Liberdade plena.** Eu, preso; e a mais rigorosa prevenção telefónica. A cidade invadida por bufos. O terror acobrancando os tímidos. A prisão espreitando os mais corajosos.

E o sr. Solipa Norte mostrou-nos uma longa carta dirigida ao Procurador da República, carta ávida e bem deduzida, demonstrativa, sem outros documentos mesmo, da monstruosidade e da ilegalidade da sua prisão; mostrou-nos também um requerimento dirigido ao Alto Comissário, pedindo «para ser enviado ao tribunal da comarca acompanhado do processo em que constassem as averiguações que sobre os seus actos se tinham feito e provado». Depois perguntamos:

— E que fez o governo?
— Não me remeteu para o tribunal, porque nada tinha apurado; mas mandou-me passar guia para Lisboa, certo de que a minha voz, estando longe, não se ouviria tanto.

— Penso o que toda a gente pensa em Moçambique. Os ferroviários não exigiram novas regalias; defendem o pão que tinham. Se pedissem mais, num momento como o actual em que o dinheiro rareia nos cofres, eu pronunciaria-me contra os ferroviários; defendendo eles apenas o pão que vinham comendo, e que repartiam com seus filhos, ninguém pode, com justiça e com critério, condená-los.

— Uma pausa sobre o assunto. Pode dizer-nos alguma coisa sobre a situação de Moçambique, sob o ponto de vista administrativo e político?

— Podia dizer-lhe muito, mas prefiro calar o mais grave. A situação do Governo Provincial, tanto sob o ponto de vista administrativo como político, é inteiramente insustentável.

— A Província não colabora nem pode colaborar com o Alto Comissário. Note que com ele rompem até os organismos políticos provinciais, filiados no velho Partido Republicano.

Só uma honesta administração poderá salvar Moçambique
— Pode falar-nos das transferências?
— Posso. É um assunto largo. Só ele daria uma página negra na vida de Moçambique que está hoje atormentada, a revelar para um abismo.

— Mas seria muito longo. Posso dizer-lhe no entanto, de um modo geral, que o prémio das transferências saltou da casa dos 30 para a casa dos 70 (milhões), por duas razões fundamentais. A primeira, porque o governo fez votar um diploma extinguindo o Conselho de Finanças e criando o Conselho de Câmbios, diploma rejeitado, pelo Conselho Legislativo, por 3 categorizados correligionários do Alto Comissário, vindo daí os primeiros arruões entre o sr. Azevedo Coutinho e as comissões políticas do seu partido. A segunda filia-se na falta de confiança na Administração Provincial.

— Mas diz-se que o Banco Nacional Ultramarino...
— O Banco emissor detém hoje apenas as cambiais de exportação, em parte. As outras são arrecadadas pelo Estado e é ele quem contribui para a sua alta.

— E o mercado livre?
— Não há mercado livre. Ou o Banco ou o governo. O Banco não tem cambiais para a décima parte das necessidades da praça; o governo engole as que recebe, embora se tivesse comprometido, em diploma publicado no Boletim Oficial, a ceder ao comércio as sobras, sem lucro para o Estado.

— Que há então a fazer?
— Se não queremos perder a mais rica colónia de Portugal, mandá-la, sem perda de um dia, quem melhor saiba administrar.

— Há 3 meses o general Freire de Andrade disse a um jornal que «ambições de estranhos, defeitos, erros, perigos de toda a espécie, tudo se remedia com uma honesta administração».

— E é verdade; mas se uma honesta, uma sábia administração se demora a enfrentar os males que atrofiaram e esmagam as colónias, o dobre de finados chegará breve para os nossos interesses e direitos em algumas delas.

— Moçambique sente-se estrangulado. Moçambique protesta; mas na metrópole cercam os ouvidos aos seus gritos de dor, como se aquele imenso território de nada valesse...

— Uma última pergunta: — A Reorganização do Caminho de Ferro e Porto, sendo inepta, parcial, odiosa e absurda, — é ao menos legal?
— Avalie por si. Há aumentos de vencimentos, diz-se que há alterações nos vencimentos feitas depois da votação no Conselho Executivo e há igualmente diminuição de regalias para os pequenos; e, no entanto, a celebração da Reorganização não foi votada pelo Conselho Legislativo da Colónia, onde tem voz os eleitos.

— Fantástico! Diga-nos ainda: — Os operários podiam ser expulsos?
— Não senhor. O n.º 3.º do art. 26.º da Carta Orgânica da Província simplesmente autoriza a expulsão de estrangeiros, em face de processo devidamente organizado e com o voto do Conselho Executivo.

— Mas então houve um monstruoso abuso do Poder?
— A correcção está no art. 14.º da mesma carta. Por mim, ando tratando do advogado...

A entrevista estava concluída. Havíamos abusado já do acolhimento que nos dispensou o sr. Solipa Norte, e não quisemos prender por mais tempo o nosso amável colocolador.

Ainda à despedida não podemos calar o nosso protesto contra o facto de um governo, num ano, aumentar as despesas, com o seu funcionalismo, em £ 576.265, e queira armar em economista, cortando regalias antigas aos operários e maquinistas do Caminho de Ferro...

A censura da correspondência foi estabelecida, ilegalmente, nos Correios, sobre as cartas dum deportado

Bernardino dos Santos que ajudou, na Rotunda, pelas armas a deitar abaixo a Monarquia foi deportado pela República, sem prévio julgamento, como recompensa de ter vertido o seu sangue em 5 de Outubro.

Refere o Guiné escreva para sua companheira definindo-lhe quase sempre o estado da sua saúde, que é precário. Pois na estação central dos Correios de Lisboa as suas cartas são submetidas a censura. Esta medida de excepção, tomada para com um homem que foi deportado contra todas as regras jurídicas e contra os mais elementares princípios de humanidade, é altamente vexatória e revoltante. Resta ainda saber, uma vez que o ódio político passou também a exercer-se por intermédio da estação central dos Correios de Bernardino dos Santos foi avisado desta medida estúpida e indigna. Se o não foi — tudo leva a crer que sim — é natural que o critério do censor vá ao ponto de considerar subversivas as cartas em que Bernardino dos Santos se queixa de que o clima da Guiné lhe vai, aos poucos, arrebatando a vida, apressando-se em nome da ordem pública.

Ultimamente, a companheira de Bernardino dos Santos recebeu uma carta deste indevidamente violada nos Correios. Ao abrir o envelope em vez da carta do marido encontrou duas cartas em que se fala do capitalista Manuel Vicente Ribeiro, da imoral empresa de Cal e Cimentos e de negócios no fabuloso montante de 5.300 contos. Trata-se dum engano motivado pela precipitação do censor.

Hemos de concordar que a companheira de Bernardino dos Santos recebeu uma surpresa duplamente desagradável: ficar sem a carta do marido e ler papéis referentes a negócios de milhares de contos num dia em que talvez não tivesse em casa, devido à deportação do marido, meia dúzia de desvalorizados escudos.

CONFERÊNCIAS

Universidade Popular Portuguesa

A quarta conferência da série das doutrinas político-sociais contemporâneas, da iniciativa da Universidade Popular Portuguesa, realizou-se na terça-feira da semana próxima, sob o tema *O Socialismo*, que será tratado pelo dr. sr. Ramada Curto.

Amanhã efectua o dr. sr. João Camoesas, na secção instalada no Sindicato da Construção Civil, a 2.ª conferência da série que ali encetou subordinada ao tema *Organização científica do trabalho*.

Na sexta-feira, na secção da U. P. P. do Alto do Pina, instalada no edifício onde funcionam as secções metalúrgica e da Construção Civil, inicia o dr. sr. Câmara Reis uma nova série de preleções sob o tema *Questões morais e sociais na literatura*.

Universidade Livre
Realizou-se nesta colectividade a 2.ª conferência do curso de filosofia social, tratando do dr. sr. Carneiro de Moura da conservação das sociedades, da unidade e da constituição social, e em seguida demonstrou o que é a diferenciação e conformidade social.

Prendeu a atenção dos ouvintes referindo-se largamente ao dogmatismo e optimismo, terminando a sua magnífica lição por passar em revista as várias fases do imperialismo.

AS GREVES

Os tanoeiros de Gaia novamente em luta

VILA NOVA DE GAIA, 1. — Desde hoje que os tanoeiros se encontram novamente em greve. Agora os motivos da luta são outros, são a baixa de salários que os industriais pretendem impor.

A greve foi proclamada em todas as casas portuguesas por resolução da assembleia que ontem se reuniu.

Amanhã pormenorizarei o movimento.

Pessoal da Fábrica Vulcano

Reuniu ontem o pessoal grevista da fábrica Vulcano para apreciar o seu movimento. Depois de alguns grevistas se terem regojado por constatarem que nenhum metalúrgico se tem aproximado das imediações da fábrica; pois que os industriais aguardavam o dia de ontem para que os operários se apresentassem, o que tal não sucedeu visto que todos os grevistas se encontram dispostos a lutar o tempo que for necessário enquanto os industriais não modificarem a sua ignóbil atitude.

Os grevistas reúnem hoje pelas 13 horas, na sede do sindicato, para se tratar da questão dos donativos.

LIGA DOS AMIGOS DOS HOSPITAIS

A Liga dos Amigos dos Hospitais recebeu mais os seguintes donativos: Monte-pio Geral, 1.000\$00; Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, cota anual, 50\$000.

Ferrovários do Sul e Sueste

Uma sessão na Delegação de Beja

BEJA, 27. — Realizou-se ontem, pelas 21 horas, na delegação ferroviária, uma importante assembleia geral, a fim de dar conhecimento ao pessoal, do estado das reclamações referentes aos bilhetes de identidade e nomeação dos corpos gerentes do sindicato para 1926.

Presidiu Jorge de Carvalho, secretário do Manuel Binito e João B. da Rocha.

Aberta a sessão Alfredo Pinto expoz à assembleia, como membro da comissão de melhoramentos, o estado em que se encontram as reclamações referentes aos bilhetes de identidade.

Falou depois Francisco R. Palermo, que apresenta uma lista, indicando vários nomes para a nova comissão administrativa e uma moção de Joaquim Figueiredo e José P. Fernandes propondo outros nomes para a mesma comissão.

Armando J. Silva pediu à assembleia que se não deixem acorrentar por paixões ideológicas, sob o pretexto de votar em quem melhor entendesse. Depois foi votada a moção, que já tinha sido aprovada no Barreiro, Funcheira, Faro e Tunes.

Sobre a ordem dos trabalhos falou Alfredo Pinto, que analisa o enfraquecimento da classe, proferindo algumas palavras sobre organização.

Armando J. Silva lê e critica um manifesto dos divisionistas, publicado há pouco, indicando o orador aos presentes qual deve ser o caminho a seguir.

Foi encerrada a sessão pelas 22,30 horas a viva à organização. — E.

CRISE DE TRABALHO

BAIXA DE SALÁRIOS

Compositores Tipográficos

A comissão pró-desempregados previne todos os componentes inscritos para receberem subsídio, que devem comparecer hoje, pelas 18 horas, na sede do Sindicato.

A mesma comissão solicita dos delegados dos jornais que ainda têm em seu poder as listas de cotização, a fim de as entregar hoje, na sede do Sindicato, das 16 às 18 horas.

“Renovação”

Da *Madeira Nova*, interessante quinzenário de propaganda evangélica transcrito, agradeço a referência feita à nossa revista “Renovação”.

“Devido à amabilidade dum jovem amigo, tivemos o grato prazer de apreciar o número 12 desta excelente revista.

Impressa a capricho e ornada dos mais perfectos clichés, tem em conjunto uma plêiade sublime de geniais colaboradores. Desejando-lhe larga vida no campo a que se propoz avançar, do íntimo agradecemos a referência feita à *Madeira Nova*.

IMPRENSA

“Aurora”

Aurora, órgão da Federação Anarquista da Região do Sul, por brevemente à venda do seu n.º 5, dedicado especialmente à questão da Revolução espanhola.

Além de originais portugueses, traduz alguns artigos interessantes do número especial da *Acción* recentemente publicado, assim como colaboração de alguns camaradas de Espanha.

Pede-nos a redacção que avisemos por este meio todos os camaradas para que a requisitem desde já, atendendo a uma provável exaustão deste número, à Travessa de Água da Flor, 16, 1.º, Lisboa, ou a Alexandre de Melo, Cereal do Alentejo.

“Riso Infantil”

“Riso Infantil” é uma interessantíssima revista para crianças, de que é directora a sr.ª D. Maria do Ceia da Cruz, professora primária. O n.º 1, que temos presente, merece escolha prosa e verso de alguns nomes conhecidos e tem um agradável aspecto gráfico. É uma revista que se recomenda pelos seus fins moralizadores e pela alta forma que se propõe desempenhar.

Ao “Riso Infantil” auguramos uma longa vida.

INSTRUÇÃO

Cursos de Instrução Geral Elementar, Português e Francês

Inaugurou-se na passada quinta-feira o curso de Instrução Geral Elementar criado pelo Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, tendo-se realizado ontem a sua segunda aula.

Amanhã inauguram-se os cursos de Português e Francês, igualmente criados por este Núcleo.

As matrículas para quaisquer destes três cursos encontram-se abertas até ao próximo sábado, podendo matricular-se sócios efectivos e auxiliares.

Também podem matricular-se nestes cursos quaisquer indivíduos que por uma questão de orientação e tendência não possam ser sócios efectivos ou auxiliares do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, mediante o pagamento mensal de quantia de 5\$000, desde que sejam trabalhadores sindicais.

Os cursos realizam-se nos seguintes dias: Instrução Geral Elementar: às segundas e quintas feiras, das 20,30 às 22,30 horas.

Francês: às quartas e sábados, das 20 às 21 horas.

Português: às quartas e sábados, das 21 às 22 horas.

A matrícula para estes cursos é de 5\$000.

Qualquer camarada que se encontre sem trabalho e portanto sem possibilidades de pagar a matrícula e cotas, não deve deixar por esse facto de se matricular e frequentar estes cursos, pois não lhes é vedado o seu acesso.

Entre o pessoal do Depósito Central de Fardamentos foi tirada uma subscrição pró-pretos por questões sociais que rendeu 8\$540.

Fernando Leal entregou nesta redacção a quantia de 2\$200, produto dum dia de “démarches” do Sindicato dos Pintores da Construção Naval e Anexos, destinado a socorrer os presos por questões sociais. É um gesto, cheio de simplicidade e nobreza que nos apraz esclarecer.

FESTAS ASSOCIATIVAS

A comemoração do 6.º aniversário do S. U. Mobiliário de Lisboa

Com regular concorrência realizou-se no passado domingo a comemoração do 6.º aniversário do S. U. Mobiliário de Lisboa.

As 15 horas o professor sr. César Porto deu início à sua conferência sobre a arte do mobiliário que foi interessantíssima, ficando todos os ouvintes muito satisfeitos como se depreendeu da maneira como o aplaudiram.

Finda a conferência deu-se início à sessão solene que foi presidida pelo representante da Federação Mobiliária secretário por 2 membros da comissão administrativa do Sindicato Mobiliário.

Enviaram delegados os seguintes organismos: C. G. T., C. S. T., Federações: Mobiliária, do Livro e Jornal, Vinícola, Calçado Couros e Peles, Construção Civil e Ferroviária; Sindicatos: da Construção Civil, Metalúrgico, Operários do Município, Ferroviários da C. P., Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, Pessoal Menor dos Teatros e Cinemas de Lisboa, Alfaiates, Pessoal do Arsenal de Marinha e U. A. P.

Foi lido um ofício do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército saudando o sindicato em festa e justificando o não envio de delegado, e uma saudação do Grupo Dramático e Musical “Amigos da Paródia”. Todos os oradores saudaram efusivamente o Sindicato Mobiliário felicitando-o pela sua acção na luta contra o capitalismo. Fizaram-se ainda rasgadas afirmações libertárias e de desejo de unidade, mas unidade como a concebem os mobiliários dentro da C. G. T. condenando-se violentamente os maneios divisionistas.

A sessão que decorreu sempre muito animada encerrou-se cerca das 20 horas as vivas à C. G. T., Organização Operária, etc.

Abrilhantou esta festa o Grupo Musical “Amigos da Paródia” que executou, com geral agrado, várias peças do seu excelente repertório.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante
Realizou-se anteontem a festa comemorativa do aniversário e da inauguração da nova sede do Sindicato dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. Houve às 15,30 uma sessão solene que foi presidida por João Torres, secretário por Manuel da Silva e Carlos Martins, tendo usado da palavra um representante dos oficiais maquinistas de longo curso e os delegados do pessoal das câmaras, dos radio-telegrafistas, etc. Fizaram-se representar a Federação da Indústria do Calçado, do Livro e do Jornal, Câmara Sindical de Trabalho, C. G. T., Empregados Menores do Comércio e Indústria, Federação Ferroviária e Sindicato da Construção Civil.

Seguiu-se a conferência de Manuel Joaquim de Sousa, subordinada ao tema “Emanipulação dos trabalhadores”.

Cerca das 18 horas o nosso camarada de redacção Mário Domingues fez uma interessante conferência sobre arte.

UM SUBLOCATÁRIO INSACIAVEL

No 67, 4.º andar, esquerdo, da rua de S. Paulo, acumulam-se em promiscuidade nauseante uma porção de famílias sujeitas a uma exploração torpe dum sublocatário de nome Manuel de Almeida. Com fúrias de tiranite o referido explorador tem cometido confiado talvez na impunidade, uma série de proezas que bom será enumerar, para edificação de quem quer que possa vir a cair-lhe nas garras.

Esse Manuel de Almeida, também conhecido pelo Manuel Rôla, não é sequer um inquilino-senhório, visto que, residindo em Romeiras, Algués, se apossou abusivamente daquela casa da rua de São Paulo, que por direito pertencia a dois sobrinhos seus, órfãos. Afastando as crianças dali, deu-se a proceder como em terreno conquistado, alugando as dependências que entendeu e locupletando-se com as avultadas importâncias dos alugueis.

Não contente, porém, com a já ignóbil exploração, mestre Manuel Rôla deu-se a especular com a situação dos seus hóspedes, mudando-os a seu talante de dependência para dependência, despedindo-os e admitindo quem lhe ofereça mais dinheiro.

Há dias, o régulo Rôla encarniçou-se contra o seu hóspede Eurico Freire Rebocho exigindo-lhe o pagamento da renda na véspera do dia em que a mesma deveria ser paga. O hóspede Eurico protestou e respondeu-lhe que só no dia seguinte satisfaria o seu compromisso. O tiranite imediatamente o despediu, recusando-se a receber-lhe as rendas.

No dia 26 p. p. aproveitando a ausência do hóspede que despedira, aplicou-lhe uma fechadura na porta do quarto e fechou-se por dentro, não consentindo que tanto o Eurico como sua esposa entrassem a servir-lhe o que lhe pertence. Esta situação mantém-se. Manuel Rôla, sem direito à casa que explora, paga de renda, mensalmente, 80 escudos e esturque aos seus sete hóspedes a fabulosa quantia de 550 escudos.

Entre os hóspedes, um reside ali há cerca de 13 anos; porém, todas as vítimas do tiranite Rôla estão dispostas a continuarem vivendo em comum pagando directamente ao senhorio proprietário do prédio.

Este até hoje tem-se conservado alheio a esta questão. Está-lhe agora disposto a intervir, correndo com o intruso Rôla? Aqui temos nós um Rôla a fazer dos outros Rôlas, até que alguém, mais corajoso, o faça levantar voo...

SOLIDARIEDADE

Foi-nos entregue, por Manuel G. Pedreiro, para auxílio dos nossos pobres, a quantia de 1\$350, resto dum subscrição aberta para custear as despesas do funeral de Ernesto Vilar da Rocha.

Entre o pessoal do Depósito Central de Fardamentos foi tirada uma subscrição pró-pretos por questões sociais que rendeu 8\$540.

Fernando Leal entregou nesta redacção a quantia de 2\$200, produto dum dia de “démarches” do Sindicato dos Pintores da Construção Naval e Anexos, destinado a socorrer os presos por questões sociais. É um gesto, cheio de simplicidade e nobreza que nos apraz esclarecer.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. da C. Civil. — Secção do Alto do Pina. — Reuniu a assembleia geral, que aprovou o relatório da comissão administrativa do ano de 1925, um parecer sobre a expansão de “O Construtor”, resolvendo-se que o mesmo seja distribuído gratis aos sócios e que a última cota do mês fosse de \$70. Foi depois apreciada a forma como o conselho técnico respondeu ao pedido feito por esta secção para a instalação eléctrica, sendo resolvido oficial novamente aquele organismo, sendo aprovada uma proposta, dando todo o apoio aos delegados desta secção aquele organismo. Resolveu também iniciar a instalação eléctrica e oficial ao Sindicato para que seja retirada a quantia necessária do dinheiro que esta secção tem referente ao expediente requisitado.

Foi nomeado delegado a U. P. P. Júlio de Carvalho e apreciada a situação dos fiscais do horário de trabalho sendo resolvido distribuir a fiscalização por zonas e realizar uma reunião dos mesmos.

Manipuladores de pão. — Reuniu esta classe em assembleia geral para apreciação do parecer da comissão revisora de contas da gerência de 1925 e outros assuntos.

Depois de acalorada discussão reconheceu-se ser necessário dar a todos os organismos de Manipuladores de Pão do país aquela vitalidade que eles necessitam para procurar o bem-estar dos seus associados. E entendendo que essa vitalidade lhes não pode ser dada sem a criação de um organismo coordenador de energias que seria a Federação dos Manipuladores de Pão, esta assembleia, no meio de grande entusiasmo, aprovou uma moção com as seguintes conclusões:

1.ª. Que seja nomeada uma comissão composta de camaradas competentes e assíduos que se comprometerão perante a classe a desempenhar cabalmente a missão para que são nomeados que é a formação da Federação de indústria;

2.ª. Que essa comissão entre imediatamente em actividade desenvolvendo a propaganda necessária e mais trabalhos que julgue imprescindíveis ao bom êxito da sua missão.

3.ª. Que num período de tempo que não vá além de três meses a comissão apresente à assembleia geral o ponto em que se encontram os seus trabalhos.

Para essa comissão foram nomeados: Torcato Alves Braga, Silvino Luis Gama, Sebastião Marques da Silva, Domingos Lopes Gonçalves, Alfredo Borges Gamboa.

Reuniu a comissão administrativa que tomou posse dos cargos para que foi eleita e tomou importantes resoluções, entre elas a saída do seu jornal corporativo “O manipulador de Pão”.

Reuniu a comissão organizadora da Federação de Indústria e respectivo congresso corporativo que tomou importantes resoluções sobre trabalhos a levar à prática para fazer irradiar a propaganda a todos os pontos do país.

Resolven enviar já aos sindicatos da indústria uma circular sobre a organização da Federação, esperando que todas as associações desta indústria apreciem a dita circular em assembleia geral e remetam com urgência resposta dirigida à mesma comissão para a sede deste sindicato, rua Caetano Palma, 18, 1.º d.

Carteiros de sola e cabedais. — Reuniu em assembleia geral para eleição de corpos gerentes que ficaram assim constituídos: Comissão administrativa: presidente, Manuel Fernandes Pereira; 1.º secretário, Manuel António Henriques; 2.º secretário, António Lopes Ferrão; tesoureiro, Manuel Patrício; assembleia geral: presidente, Joaquim Dias; 1.º secretário, Augusto França; 2.º, Adriano Martins; vogais: João Afonso Henriques e Manuel Cardoso. Conselho fiscal: Manuel António Pereira, João Lindinho e Domingos Guerra.

Federação Mobiliária. — Pelas 17,30 horas, a comissão administrativa para assuntos de grande importância.

S. U. Mobiliário. — Pelas 20 horas, a comissão administrativa, para tratar dum assunto importante e urgentíssimo.

S. U. Metalúrgico. — Secção de Belém. — Pelas 20,30, a comissão administrativa e às 20 os cobradores.

Empregados Oúvres de Lisboa. — Pelas 20 horas na sede provisória na rua da Madalena, 166, 2.º, os associados desta colectividade em organização, para discutir e aprovar os seus estatutos.

Federação. — Comité Federal. — Reuniu hoje pelas 20 horas.

Núcleo de Lisboa. — Secretariado Central. — Reuniu depois de amanhã pelas 20 horas.

Comissão Organizadora do II Congresso. — Reuniu amanhã pelas 22 horas.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — Os delegados dos organismos de Lisboa e Santarém que foram ao Congresso, reúnem amanhã pelas 18 horas, a fim de ratificarem as actas.